



**O SEXO, A IDADE E A FORMAÇÃO INICIAL COMO FATORES
DISCRIMINANTES DO EFEITO DA FORMAÇÃO EM
EMPREENDEDORISMO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE
DESPORTO**

Dissertação apresentada com vista à obtenção do 2º ciclo em
Gestão Desportiva, da Faculdade de Desporto da Universidade do
Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, na
redação dada pelo Decreto-Lei nº 65/2018 de 16 de agosto.

Orientador: Professora Doutora Susana Maria Soares

Coorientador: Professor Doutor José Marques

Diana Caldas Viana Franco Amorim

Porto, setembro 2022

Amorim, D. (2022). O sexo, a idade e a formação inicial como fatores discriminantes do efeito da formação em empreendedorismo de estudantes universitários de desporto. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Palavras-chave: EMPREENDEDORISMO, FORMAÇÃO, SEXO, IDADE, FORMAÇÃO INICIAL

Agradecimentos

Esta dissertação foi o fruto de um longo ano de trabalho e envolveu a contribuição de várias pessoas, tanto a nível profissional como pessoal, às quais não podia deixar de expressar a minha profunda gratidão.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus orientadores, Professora Doutora Susana Soares e Professor Doutor José Marques, por aceitarem a orientação deste projeto. E ao meu colega Jorge Barbosa pelos conselhos e o auxílio na tomada de certas decisões e pelo apoio de me mostrar que era possível.

A todos os meus amigos, obrigado pela amizade e pelos bons momentos, os quais foram essenciais para me abstrair das preocupações e enfrentar as adversidades que iam surgindo com ânimo e otimismo. Um agradecimento especial ao meu namorado Rúben por todo o carinho, compreensão, paciência e amor demonstrados sobretudo neste ano. Para além de ser uma pessoa extremamente amável, sempre foi um colega excecional, que me acompanhou durante grande parte do meu percurso universitário. Obrigado por estares sempre presente, principalmente nos momentos mais difíceis.

Por fim, gostaria de agradecer profundamente à minha mãe Rosa Maria e ao meu pai Norberto, pelo incentivo, afeto e apoio incondicional manifestado em todas as fases da minha vida. Sem eles, nenhuma das minhas conquistas pessoais e profissionais seriam possíveis.

Índice

Índice de Figuras	VII
Índice de Tabelas	IX
Índice de Anexos.....	XI
Resumo	XIII
Abstract	XV
1. Introdução	17
2. Revisão da Literatura.....	19
2.1. Objetivo.....	28
2.2. Hipóteses	28
3. Material e métodos.....	29
3.1. Caracterização da amostra	29
3.2. Caracterização da unidade curricular	30
3.3. Procedimentos e tratamento de dados.....	33
3.3.1 Procedimentos estatísticos	34
3.4. Procedimentos éticos	34
4. Resultados	35
5. Discussão dos Resultados.....	49
6. Conclusão	67
7. Bibliografia	69
9. Anexos	LXXV

Índice de Figuras

Figura 1. Ligação dos estudantes da amostra ao desporto.....	29
Figura 2. Expectativas dos estudantes para com a unidade curricular, discriminadas em função do sexo, idade e formação inicial.	35
Figura 3. Interesse nos conteúdos da unidade curricular, discriminados em função do sexo, da idade e formação inicial.	36
Figura 4. Suficiência da carga horária para despontar nos estudantes uma atitude empreendedora, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.	37
Figura 5. Adequação dos conteúdos abordados ao nível de 2º ciclo de ensino, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.	38
Figura 6. Estudantes que tinham empresa antes de frequentar a unidade curricular, discriminados em função do sexo, da idade e formação inicial.....	42
Figura 7. Criação de uma start-up em consequência dos conhecimentos adquiridos na unidade curricular, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.....	43
Figura 8. Capacidade dos estudantes para a criação de uma empresa tendo por base os conteúdos aprendidos na unidade curricular, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.	44
Figura 9. Situação profissional atual dos estudantes, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.	45
Figura 10. Aplicabilidade dos conhecimentos e capacidades adquiridas com a unidade curricular, discriminadas em função do sexo, idade e formação inicial.	46
Figura 11. Importância da formação em empreendedorismo para a criação ou inovação de negócio, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.....	47

Índice de Tabelas

Tabela 1. Motivos relacionados com o cumprimento parcial e incumprimento das expectativas para com a unidade curricular, discriminados em função do sexo, idade e formação inicial.	36
Tabela 2. Conteúdos em que os estudantes demonstraram maior interesse durante a unidade curricular, discriminados em função do sexo, idade e formação inicial.	37
Tabela 3. Motivos apontados pelos estudantes para a insuficiência total ou parcial da carga horária.....	38
Tabela 4. Sugestões de temas que poderiam ter sido abordados durante a lecionação da unidade curricular.	39
Tabela 5. Efeito do sexo na alteração das várias categorias da atitude empreendedora e na atitude empreendedora em geral.	39
Tabela 6. Efeito da idade na alteração das várias categorias da atitude empreendedora e na atitude empreendedora em geral.	40
Tabela 7. Efeito da formação inicial na alteração das várias categorias da atitude empreendedora e na atitude empreendedora em geral.	41
Tabela 8. Motivos que levaram os estudantes a não se considerarem capazes de criar uma empresa.....	44
Tabela 9. Motivos justificativos de os estudantes terem conseguido aplicar os conhecimentos e capacidades adquiridos na unidade curricular nas empresas em que trabalham.	46
Tabela 10. Motivos justificativos de os estudantes não terem conseguido aplicar os conhecimentos e capacidades adquiridos na unidade curricular nas empresas em que trabalham.	46
Tabela 11. Reconhecimentos dos estudantes relativo à importância da formação inicial em empreendedorismo.....	47

Índice de Anexos

Anexo 1. Questionário sobre o efeito da unidade curricular de Gestão de Projetos de Desporto.	LXXV
--	------

Resumo

Na literatura encontram-se vários estudos relacionados com os efeitos da formação em empreendedorismo discriminados em função do sexo, idade e formação inicial dos formandos. Contudo, não existe ainda um estudo que aborde esta temática na área do Desporto, parecendo faltar conhecimento relativo ao efeito da formação de empreendedores nesta área. Foi objetivo do presente estudo discriminar o efeito da formação em empreendedorismo de estudantes de Desporto com base no sexo, idade e formação inicial, no sentido de perceber se será necessário adotar estratégias de formação distintas. A amostra foi constituída por 32 estudantes do Mestrado em Gestão Desportiva da FADEUP, que frequentaram a unidade curricular de Gestão de Projetos de Desporto nos anos letivos de 2019/2020 e 2020/2021. Para efeito de análise dos resultados, foram constituídos grupos por sexo (22 rapazes e 10 raparigas), por idade (10 mais novos com idade ≤ 25 anos; 12 intermédios com [26-34] anos e 10 mais velhos, com idade ≥ 35 anos) e por formação inicial (19 licenciados em desporto e 13 noutras áreas). Os dados foram obtidos através de um questionário elaborado pela equipa de investigação, constituído por questões fechadas e abertas, que foram tratadas de forma qualitativa e quantitativa. Os resultados mostraram existir efeito diferente na formação de estudantes de desporto em empreendedorismo em função do sexo, idade e formação inicial para a lecionação da unidade curricular (UC) e o transfere que a mesma tem para a realidade. Os resultados evidenciaram ser necessário adotar algumas estratégias de formação distintas. Os estudantes do sexo masculino, os mais novos e de idade intermédia e os estudantes com formação inicial noutra área, demonstraram a necessidade de haver um maior aprofundamento dos conteúdos abordados, com uma maior aplicabilidade dos mesmo à realidade e uma melhor distribuição da carga horária. Os estudantes do sexo feminino, os mais novos e mais velhos e com formação inicial em Desporto, sentem a necessidade de a unidade curricular (UC) de Gestão de Projetos abordar outros temas, como a Gestão financeira.

Palavras-chave: EMPREENDEDORISMO, FORMAÇÃO, SEXO, IDADE, FORMAÇÃO INICIAL

Abstract

In literature one can find various studies related to the effects of training in discriminated entrepreneurship depending on the sex, age, and the initial training of trainees. However, there is still not a study which addresses this theme in the sport area, with an apparent lack of knowledge relating to the effect of the training of entrepreneurs in this area. The objective of the present study was to discriminate the effect of entrepreneurship training of sport students, based on sex, age, and initial training, in the sense of perceiving the necessity of adopting distinct training strategies. The sample consisted of 32 Sport Management Master's students from FADEUP, who attended the Sports Management Project curricular unit in the academic years 2019/2020 and 2020/2021. So as to analyse results, groups were formed by sex (22 males and 10 females), per age (10 younger, aged ≤ 25 ; 12 intermediate aged [26-34] and 10 older ≥ 35) and by initial training (19 sport graduates and 13 in other areas). The data was obtained through an elaborated questionnaire by the investigation team, containing open and closed questions, which were treated in a qualitative and a quantitative form. The results showed a different existing effect in the sport student's training in entrepreneurship with regards to sex, age, and initial training for the teaching of curriculum unit and the transfer the same has to reality. The results revealed that, it is necessary to adopt some distinct training strategies. The students of the male sex, the younger ones, the intermediate and the students with initial training in other areas, showed the necessity of having a greater depth of contents covered, with a greater applicability of the same to reality and a greater distribution of workload. The students of the female sex, the younger and the older students with initial training in Sport, feel the necessity of the curriculum unit in Project Management addressing other themes, such as Financial Management.

Keywords: ENTREPRENEURSHIP, TRAINING, SEX, AGE, INITIAL TRAINING

1. Introdução

O Global Entrepreneurship Monitor (GEM) é um organismo que avalia a capacidade de empreendedor a nível global. Este organismo define empreendedorismo como uma forma de pensar e agir focada nas oportunidades, suportada numa abordagem holística e equilibrada em termos de liderança e com o objetivo de criar riqueza. Vivemos numa sociedade em que abundam crises económicas e sanitárias, com séria afetação das economias dos mais diversos países, pelo que facilmente percebemos a importância de tornar os jovens universitários em potenciais empreendedores e agentes de solução das crises por via da criação de novos negócios.

A área do Desporto, pelo seu dinamismo, capacidade de inovação e adaptabilidade, desenvolve naqueles que a estudam competências muito similares às aquelas que se procuram na área do empreendedorismo. Os estudantes de Desporto, na sua generalidade, parecem ser indivíduos que facilmente se deixam desafiar, proactivos e com capacidade de iniciativa. Contudo, a associação da temática do empreendedorismo ao desporto não é ainda muito comum, uma vez que aquele é muitas vezes tido como um capítulo da economia ou da gestão, pouco relacionado com os domínios biofísicos ou técnico-táticos do desporto.

A abordagem da temática do empreendedorismo na formação em Desporto tem, pois, de ser estudada, com vista a perceber o efeito dessa formação na capacidade de criação de negócios relacionados com o mesmo. Mais ainda, há necessidade de perceber se a tipologia da formação e os seus conteúdos terão de variar em função de fatores como o sexo, a idade e a formação anterior à universitária. Na verdade, pouca formação é pensada e estruturada com base em fatores discriminantes, mas também é certo que a literatura tem apontado para algumas diferenças na atitude empreendedora em função de vários fatores. A literatura mostra-nos que existem diferenças na atitude empreendedora entre o sexo feminino e o sexo masculino. Num estudo realizado por Koellinger et al. (2013), constatou-se que existem menos empresas criadas por mulheres e que o mesmo se deve ao facto destas serem menos confiantes nas suas habilidades empreendedoras, tendo maior medo do fracasso, quando comparadas com os homens. No que diz respeito à idade a literatura não é conclusiva e é algo escassa. Num estudo realizado por Lévesque e Minniti (2006) percebe-se que os indivíduos mais novos são mais propensos para iniciar uma empresa quando comparados com os indivíduos mais

velhos, havendo assim uma relação negativa entre atitude empreendedora e a idade. Os autores rematam ainda que a criação de novas empresas está mais associada a indivíduos com idades compreendidas entre os 25 anos e os 35 anos, por terem menos responsabilidades quando comparados com indivíduos mais velhos. A formação inicial também pode ser tomada como fator a considerar, ainda que de análise mais difícil, dado que a literatura mostra a existência de uma grande diversidade de planos curriculares entre as universidades. Num estudo realizado por Fayolle e Gailly (2015) para perceber os efeitos de um programa de educação para o empreendedorismo nas atitudes e intenções dos alunos em relação ao mesmo, constatou-se um efeito positivo na atitude dos estudantes, não a curto, mas a médio prazo (aproximadamente 6 meses). Os mesmos autores perceberam ainda que os estudantes que não tinham tido contacto prévio com o empreendedorismo obtiveram resultados mais positivos quando comparados com aqueles que já tinham sido confrontados com a temática.

Na sequência do exposto, foi objetivo do presente estudo discriminar o efeito da formação em empreendedorismo de estudantes de Desporto com base no sexo, idade e formação inicial, no sentido de perceber se será necessário adotar estratégias de formação distintas.

2. Revisão da Literatura

O termo empreendedorismo, de acordo com a aproximação histórica de Neto e Ceroni (2020), tem uma definição algo complexa e variável, decorrente da diversidade de interpretações que os autores da temática foram dando ao seu significado. O início daquilo que viria a conduzir ao empreendedorismo e à sua definição terá surgido no século XVIII, tendo-se chegado ao século XIX com alguns clássicos da sociologia, como Weber (1979), a constatar que o capital se desenvolve com base nos empreendimentos e nos empreendedores. A primeira noção de empreendedorismo parece ter tido por base a arte da criatividade, a capacidade de negociar condições para solucionar os problemas que afetam o próprio e a sua comunidade, seja numa disputa mercadológica, numa questão social ou em algo referente ao bem público. Neste seguimento, o empreendedorismo é, segundo Shane e Venkataraman (2000), um “processo de descoberta, avaliação e exploração de oportunidades; e um conjunto de indivíduos que as descobre, avalia e explora (p.218)”. O empreendedorismo não é só a criação de novas propostas, novos produtos e teorias, ou criar concepções de representação da realidade, mas é sim alterar a realidade de forma a sentir-se concretizado pessoalmente e atingir os objetivos quer pessoais, quer coletivos (Pimpão, 2011).

Vivemos numa sociedade que tem vindo a ser muito afetada por crises económicas e sanitárias e isto tem trazido consequências para as economias dos mais diversos países do mundo. De acordo com Rodriguez-Gutierrez et al. (2020), o empreendedorismo e a criação de novos negócios podem conduzir ao desenvolvimento económico e à criação de empresas, levando consequentemente ao aumento da produtividade e da economia e bem-estar social, atenuadoras das situações de crise. Contudo, a atividade empreendedora de um país depende muitas das vezes do contexto e das normas sociais que o caracterizam e, não sendo fácil mudar a cultura de um país, as tradições vão permanecendo à margem da globalização. Para Sobral e Vazquez (2019), a universidade tem um papel fulcral na mudança de uma sociedade, na medida em que representa uma fonte de saberes heterogêneos, cabendo-lhe a expansão do conhecimento, a criatividade e a mudança da identidade de uma nação. Seguindo a linha de pensamento dos mesmos autores, a extensão universitária pode ser vista como um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político, não se podendo separar deste e levando a uma interação transformadora entre a universidade e a

sociedade onde está inserida. Terá, assim, a Universidade, o papel de impulsionadora do empreendedorismo, quer de oportunidade, quer de desenvolvimento económico (Rodriguez-Gutierrez et al., 2020). Se a educação é fundamental para que seja possível viver em sociedade, pois é através dela que se formam pessoas capazes de se adaptarem e reagirem às mudanças e desafios da sociedade (Lopes, 2013), percebe-se que é particularmente importante tornar os jovens universitários potenciais empreendedores de novos negócios (Rodriguez-Gutierrez et al., 2020).

O ensino universitário do empreendedorismo ainda é algo que se pode tomar como recente, mas que tem vindo a ganhar ênfase e a evoluir. As universidades foram tendo um papel cada vez mais determinante na promoção do espírito empreendedor, quer por via da intervenção no corpo docente e investigador, quer pela formação e intervenção nos estudantes (Santos et al., 2010). De acordo com um estudo de Keat et al. (2011), a educação para o empreendedorismo foi ganhando reconhecimento e importância no percurso dos estudantes, surgindo a necessidade de perceber como esta os poderia levar a empreender. Neste estudo foi ainda destacado que os estudantes reconhecem a importância da formação em empreendedorismo em contexto universitário. De acordo com Lopes (2013), e assumindo que a capacidade empreendedora não é uma capacidade inata, mas principalmente adquirida, compete à universidade desenvolver pessoas cada vez mais empreendedoras, ideia reforçada por outros autores, como Rocha e Freitas (2014), que ressaltam a importância da formação em empreendedorismo na medida em que o sujeito empreendedor tem de ser aquele que é capaz de abrir e administrar o seu próprio negócio, criando emprego e gerando lucro para a sociedade.

Segundo Chaves e Parente (2011), é aceite pela generalidade das sociedades ocidentais, que o ser empreendedor define uma atitude perante a vida, uma forma de estar, que se torna indispensável para a sua trajetória pessoal, mas também para o desenvolvimento económico das sociedades. Será este o contexto a trabalhar no âmbito universitário. Para Valente e Costa (2018), o empreendedorismo no Ensino Superior tem vindo a ganhar destaque não só em termos académicos, como também em termos de políticos, muito devido à evolução do papel das Instituições de Ensino Superior (IES) nos sistemas nacionais de inovação e de empreendedorismo. As IES são importantes no desenvolvimento económico e social das regiões onde estão inseridas e considerados

pilares essenciais na criação de conhecimento e na conversão do mesmo em valor económico, fomentando a criação de emprego qualificado através da criação de novas empresas (Valente & Costa, 2018). A escola tem assim como papel a promoção do desenvolvimento de competências e capacidades que sejam socialmente úteis, de forma a serem mobilizadas nos diferentes contextos de ação, nomeadamente os que se caracterizam por fortes índices de precariedade profissional, marcados pelo desemprego estrutural e pela insegurança contratual (Chaves & Parente, 2011).

Neto e Ceroni (2020) afirmam que o papel da universidade é despertar no aluno um conjunto de habilidades, competências e princípios que lhes permitam encontrar-se na sociedade, ou seja, é despertar o sujeito para o empreendedorismo. Surge então a importância de perceber de que forma a formação base pode contribuir para desenvolver o empreendedorismo, mesmo na ausência de proposta curriculares direcionadas para o mesmo (Naia, 2009). Segundo Araújo et al. (2005), o ensino do empreendedorismo está mais presente nas áreas da administração/gestão, começando também a aparecer nas áreas das ciências e engenharias. O mesmo autor enfatiza a importância de se implementarem cursos de empreendedorismo para estudantes nas mais diversas áreas.

Segundo Parreira et al. (2018), atualmente, e mais especificamente nos Politécnicos, são usados dois programas para a promoção e ensino do empreendedorismo, o Projeto Poliempreeende e o Projeto Poli-Entrepreneurship Innovation Network (PIN). O Projeto Poliempreeende baseia-se no ensino, promoção e desenvolvimento de projetos de vocação empresarial, visando: “(i) Promover o empreendedorismo; (ii) Educar / Formar para o empreendedorismo; (iii) Desenvolver planos de vocação empresarial; (iv) Avaliar e premiar os melhores projetos desenvolvidos.” O Projeto PIN tem com objetivo dar seguimento ao Projeto Poliempreeende, focando-se em “ (i) melhorar a estrutura interna de apoio na transmissão de competências e habilidades das instituições; (ii) diminuir as assimetrias de capacidade institucional que existem na implementação das atividades empreendedoras; (iii) desenvolver conteúdos partilhados de formação empreendedora, assentes numa metodologia inovadora e diferenciada; (iv) aumentar o grau de eficácia na criação de empresas, através de maior e mais efetivo apoio no pós-projeto de negócios desenvolvidos; (v) demonstrar o impacto empreendedor nas competências

adquiridas pelos estudantes e potenciá-lo como característica atrativa para as entidades empregadoras.”. Estes projetos promovem a aprendizagem para o empreendedorismo e também pretendem introduzi-lo nas organizações como forma de atuação autónoma, responsável e proactiva. No âmbito desta formação universitária levanta-se a questão dos conteúdos da formação e da sua eficácia no que toca ao real desenvolvimento de atitudes empreendedoras. Num estudo realizado por Júnior et al. (2006) destaca-se a importância que os micro e pequenos empresários dão às ferramentas gerenciais, como o plano de negócios, para abertura e gestão de uma empresa e que afirmam que devem estar inseridas na formação académica, na medida em que as instituições de ensino têm um papel fundamental na capacitação dos estudantes para a atividade empreendedora, não só apresentando aos alunos as ferramentas gerenciais, mas ensinando-os a utilizá-las na prática. A análise dos contextos de ensino revela alguma informação importante e que vai além de convicções daqueles que estão fora das agências de formação. Num estudo de Monteiro et al. (2020), relativo à influência do curso superior de Administração na intenção empreendedora concluiu-se que ter uma formação em empreendedorismo ajuda os alunos a melhorar a sua atitude empreendedora, contudo, isto acontece principalmente naqueles que já têm algum espírito empreendedor. Se o foco for colocado na preparação que o curso ofereceu para que os alunos conseguissem efetivamente ser empreendedores, o resultado não é tão positivo, pois ressalta a necessidade de equilibrar melhor a teoria com a prática. O conteúdo da formação parece não estar ainda apurado ao ponto de estudos como o de Silva e Patrus (2017) concluírem sobre a inevitabilidade da formação ter de incluir aulas que estimulem maior criatividade, inovação, habilidades e técnicas empreendedoras nos estudantes, por meio de métodos focados nas experiências práticas durante a aprendizagem. Curiosamente, Dutra e Peixoto (2001) já haviam evidenciado esta situação quase 20 anos antes, na medida em que há muito perceberam que o ensino do empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior, principalmente nos cursos de Administração, está mais focado na formação técnica voltada para o gerenciamento de organizações já estruturadas e não para a criação de um novo negócio.

O papel da Universidade ao nível do empreendedorismo tem sido cada vez mais importante e também tem ajudado muito a encontrar a igualdade de género no mundo empresarial (Margaca et al., 2020). Contudo, vivemos numa sociedade onde a mulher

ainda é vista como o elo mais fraco, quer a nível social, quer a nível empresarial. Os estudos sobre empreendedorismo têm demonstrado a persistência da desigualdade de género, quer ao nível da criação de empresas, negócios ou autoemprego, como também ao nível da lucratividade (Brandão et al., 2019). A literatura aponta um conjunto de diferenças no que diz respeito à atitude empreendedora entre o sexo masculino e o sexo feminino, pois segundo Margaca et al. (2020) a estrutura do empreendedorismo masculino é diferente da estrutura do empreendedorismo feminino. Ainda segundo os mesmo autores, personalidades, princípios e valores morais diferentes levam a que os homens e mulheres escolham diferentes atividades profissionais e as organizem de forma diferente.

Num estudo realizado por Brandão et al. (2019) constatou-se que apesar da maior presença das mulheres no ensino superior, existem desigualdades sociais de pertença e de género, que se consolidam em percursos académicos que traduzem inscrições distintas ao nível da intenção empreendedora e dos setores da economia sobre os quais recaem as escolhas. Num outro estudo, realizado por Marques (2011), é perceptível que apesar de não haver uma diferenciação muito substancial, as mulheres tendem a apresentar uma menor propensão para o empreendedorismo (67,9%) em comparação com os seus colegas do sexo masculino (79,8%). Normalmente, o espírito empreendedor das mulheres tende a ficar atrás do espírito empreendedor dos homens. Diferentes estudos mostram que as mulheres têm padrões de comportamento diferentes dos homens, pois tendem a envolver-se menos no empreendedorismo (Brandão et al., 2019; Koellinger et al., 2013; Margaca et al., 2020), reportando o facto de as mulheres terem acesso a menos capital, mas também a tendência feminina de correr menos riscos do que os homens (Rodriguez-Gutierrez et al., 2020). Constata-se que os setores inovadores e intensivos de conhecimento estão mais presentes nas escolhas deles, distinguindo-se das escolhas delas, que recaem, preferencialmente, em serviços de proximidade e de cuidado (Brandão et al., 2019; Marques, 2011). O ambiente educacional universitário é um meio igual em termos de género, no que toca à melhoria da intenção empreendedora, pois elimina *nuances* de discriminação entre homens e mulheres. No caso de Portugal e segundo Margaca et al. (2020), os estudantes universitários encaram o empreendedorismo como um caminho possível para o mercado de trabalho, nomeadamente os estudantes do sexo feminino. Ainda segundo

os mesmos autores, em Portugal, o processo de criação de uma empresa é menos burocrático, o que leva a que o empreendedorismo seja apoiado por várias entidades do país, principalmente com programas dirigidos a mulheres e jovens (Margaca et al., 2020). Minniti (2009) afirma que a diferença entre os homens e mulheres está nas suas características pessoais e empreendedoras, levando à criação de negócios em diferentes áreas, com objetivos distintos e forma de organização também elas distintas.

O empreendedorismo feminino continua a ser impulsionado sobretudo pelo efeito da necessidade, enquanto o masculino surge mais associado à inovação e à autorrealização (Brandão et al., 2019). Algo que se destaca destes resultados é o reconhecimento de que apesar de homens e mulheres poderem ter, aparentemente, a mesma formação empreendedora, eles parecem ser mais eficazes na aplicação do conhecimento do que elas, levantando-se a questão de se os planos curriculares estarão adaptados às características de ambos os géneros ou se serão os fatores contextuais a determinar os resultados.

Nas últimas duas décadas, os países desenvolvidos têm vindo a sofrer um aumento na idade média das suas populações, enquanto os países em desenvolvimento sofreram um excecional aumento do crescimento populacional (Lévesque & Minniti, 2011). Atualmente, existem elevados níveis de desemprego e de exclusão social como resultado da evolução a nível demográfico, económico e social, tanto em Portugal como na União Europeia (EU). Segundo, Gonçalves e Pifano (2015) verifica-se atualmente uma elevada taxa de desemprego em jovens (menos 25anos) e seniores (mais 45 anos), o que leva a que a promoção do empreendedorismo seja considerada como uma prioridade para a União Europeia (EU). Parte da solução deste problema poderá residir na implementação de políticas de promoção do empreendedorismo inter-geracional. Ao longo da vida de um indivíduo, o custo de oportunidade do tempo e os retornos de atividades caracterizadas por diferentes graus de risco e incerteza variam e causam uma relação em forma de U invertido entre a idade e a probabilidade de escolha do empreendedorismo (Lévesque & Minniti, 2011).

Num estudo realizado por Gonçalves e Pifano (2015), conclui-se que existem alguns fatores que, de acordo com a investigação teórica e empírica, são favoráveis ao comportamento empreendedor quer de jovens, quer de seniores. São fatores de personalidade (perfil de risco e autonomia), de situação de vida (género e nível de

educação) e interpessoais (relações com empreendedores). Existem outros fatores que são favoráveis ao empreendedorismo apenas nos jovens ou nos seniores. Os fatores favoráveis nos jovens são fatores de personalidade (capacidades de iniciativa e inovação), motivações pessoais (desejo de independência e de realização pessoal) e fatores interpessoais (influência familiar). Os fatores favoráveis nos seniores são fatores de situação de vida (falta de alternativas de trabalho em situação de desemprego, nível de experiência, nível de riqueza) e motivações pessoais (desejo de ultrapassar a falta de oportunidades de trabalho, desejo de melhoria de rendimento). De acordo com um estudo de Bönnte et al. (2009), existe uma relação em forma de U invertido entre a idade e a decisão de iniciar um negócio. Se focarmos um pouco este assunto, concordaremos com Lévesque e Minniti (2011), que referiram que os indivíduos jovens possuem baixos recursos financeiros, a par da incerteza associada a novos empreendimentos. Em sentido contrário, os indivíduos mais velhos possuem uma maior riqueza, mas enfrentam elevados custos de oportunidade de empreendedorismo por terem de renunciar aos salários que já recebem em troca de retornos incertos. Em ambos os casos, grandes porções da população têm incentivos relativamente baixos para iniciar novos negócios. Assim, tanto os recursos pessoais como os salários tendem a aumentar à medida que os indivíduos envelhecem. À medida que a riqueza e/ou a experiência aumentam, os indivíduos têm mais poder a nível financeiro e lideram os seus potenciais novos negócios. Portanto, tendo em conta as idades, a probabilidade de um indivíduo ser um empreendedor aumenta até um limiar crítico, para além do qual começa a diminuir.

Concordando com a linha anterior, Azoulay et al. (2020) afirmam que os empresários bem-sucedidos são de meia-idade, e não jovens. Segundo eles, as evidências apontam para que haja um maior sucesso em pessoas que iniciam os seus negócios na meia-idade, enquanto os jovens que pretendam iniciar o seu próprio negócio não têm tanto sucesso. No estudo realizado por estes autores, evidenciaram-se alguns valores importantes. Numa empresa a iniciar, um indivíduo de 50 anos tem uma probabilidade 1.8 vezes maior de promover o crescimento da sua empresa, comparativamente com um indivíduo de 30 anos. Os indivíduos na casa dos 20 anos têm uma probabilidade de 1 em 1.000 de ser bem-sucedidos ou de criar uma empresa sustentável (Azoulay et al., 2020). Segundo Lévesque e Minniti (2006), a criação de novas

empresas por indivíduos com idades compreendidas entre os 25 anos e os 35 anos é mais frequente, por ser uma faixa etária com menos responsabilidades e empregos menos estáveis, quando comparados com indivíduos mais velhos. Estas conclusões são consistentes com teorias de que os principais recursos empresariais (como o capital humano, o capital financeiro e o capital social) se acumulam com a idade (Azoulay et al., 2020). Bönthe et al. (2009) vão ao encontro dos resultados do estudo de Lévesque e Minniti (2006), que concluíram que existe uma relação em forma de U invertido entre a idade e a decisão de iniciar um negócio.

A educação para o empreendedorismo deveria ser estimulada ao longo do percurso escolar de todos os estudantes, de forma a potenciar as características empreendedoras dos alunos. Num estudo realizado por Holienka et al. (2016) verificaram-se diferenças significativas na tendência empreendedora dos estudantes de quatro diferentes cursos (administração de empresas, informática aplicada, psicologia e pedagogia), ou seja, estudantes de diferentes cursos, com diferentes disciplinas apresentam diferentes taxas de predisposição empreendedora. Desconhecem-se estudos que toquem esta temática no âmbito de cursos de desporto, se bem que, curiosamente, se pensarmos sobre o que é o desporto e quais os seus objetivos, vê-lo-emos como um processo empreendedor, uma vez que a inovação e a mudança são os seus elemento-chave (Ratten, 2010). No que toca à especificidade do desporto, o discurso do empreendedorismo está presente na área de duas formas: na formação para atuação pedagógica na escola e na formação para a atuação fora do espaço não-formal, visando a criação do próprio negócio como as academias de ginástica, musculação entre outros (Penna Dias, 2011). Segundo Ratten (2010) o empreendedorismo desportivo é dinâmico e tem impacto em várias áreas de gestão, tais como estratégia de negócio, gestão de crises, desenvolvimento de novos desportos, gestão de desempenho, inovação de produtos, promoção estratégias, questões sociais, preocupações de sustentabilidade e desenvolvimento tecnológico. Ainda segundo o mesmo autor, podemos definir vários tipos de empreendedorismo associados ao desporto, tais como o empreendedorismo de base comunitária, empreendedorismo corporativo, empreendedorismo étnico, empreendedorismo imigrante, empreendedorismo institucional, empreendedorismo internacional, empreendedorismo social, empreendedorismo tecnológico e empreendedorismo feminino. Os autores Holienka et

al. (2016) defendem que os indivíduos são empreendedores se demonstrarem a capacidade e vontade de tomar iniciativa, descobrir e introduzir novas ideias e transpor essas ideias para a realidade, levando à criação de valor para si e para toda a sociedade. Segundo Nascimento (2009), os professores que atuam na área da Educação Física são pessoas que apresentam características empreendedoras, tanto a nível pessoal, como profissional, conseguindo levar os seus alunos a ser pró-ativos, envolvendo-os em atividades de pesquisa e projetos de conhecimento e inovação. Neste seguimento e segundo Ratten e Jones (2018), os estudantes de desporto devem ter contacto com a educação para o empreendedorismo, pois ajuda no desenvolvimento de uma melhor empregabilidade e de competências sociais, isto porque as organizações desportivas precisam de estar mais envolvidas na atividade empresarial. Os mesmos autores enumeram uma série de motivos que focam na importância que a educação para o empreendedorismo tem no setor do desporto, esta pode permitir aos estudantes do desporto reconsiderarem as suas carreiras projetadas para se focarem na autossuficiência e autoemprego.

A educação para o empreendedorismo pode facilitar a inovação necessária para revolucionar a indústria desportiva e incentivar o crescimento dinâmico, aprender sobre como ser autossuficiente no mercado de trabalho através da aquisição de competências de empreendedorismo e aumentar a confiança dos alunos na gestão da sua carreira através da introdução de novas competências e conhecimentos. Segundo Lobato e Carmo (2009) é necessário haver uma maior preocupação com a formação dos profissionais de desporto estabelecendo um processo de ensino do empreendedorismo que possibilite a identificação das necessidades do mercado de trabalho e que prepare o indivíduo para a inserção no mesmo, através da participação em organizações que estimulem e permitam a atividade empreendedora supervisionada, tais como Empresas Juniores, projetos de extensão universitária e organizações estudantis diversas. Desta forma, a educação para o empreendedorismo é importante e adequada ao Desporto devido à sua abordagem de aprendizagem centrada no estudante e foca-se na avaliação de oportunidades (Ratten & Jones, 2018). No entanto, apesar das alterações que se têm vindo a verificar ao nível do ensino do empreendedorismo e do seu reconhecimento, a literatura parece ainda não evidenciar a relação causa-efeito no que diz respeito ao nível

de formação inicial em empreendedorismo e consequente criação de negócios na área do desporto.

Em jeito conclusivo, pode afirmar-se que o empreendedorismo é uma área que ocupa um papel importante na sociedade, sendo necessário incluir a educação em empreendedorismo não só nas áreas diretamente ligadas à gestão, mas também nas outras áreas do ensino superior, como é o caso de cursos de saúde e desporto (Moreira, 2014). Na faculdade de Desporto da Universidade de Desporto, no âmbito do Mestrado em Gestão Desportiva, a formação em empreendedorismo está já incluída na unidade curricular (UC) de Gestão de Projetos de Desporto, abrindo a possibilidade de perceber qual a importância desta formação na atitude empreendedora dos estudantes, não só de forma geral, como tendo também em conta a diversidade de características dos estudantes, como o sexo, a idade e a formação inicial.

2.1. Objetivo

Foi objetivo do presente estudo discriminar o efeito da formação em empreendedorismo de estudantes de Desporto com base no sexo, idade e formação inicial, no sentido de perceber se será necessário adotar estratégias de formação distintas.

2.2. Hipóteses

Considerando o objetivo do estudo e a revisão da literatura acima realizada, perspectivam-se as seguintes hipóteses:

1. O efeito da formação de estudantes de desporto em empreendedorismo é diferente para sujeitos de sexo, idade e formação inicial distintos.
2. É necessário adotar algumas estratégias de formação distintas, em função do sexo, idade e formação inicial dos formandos.

3. Material e métodos

3.1. Caracterização da amostra

Para a realização do presente estudo foi utilizada uma amostra de conveniência, constituída por estudantes do Mestrado de Gestão Desportiva da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (anos letivos 2019-2020 e 2020-2021). Os estudantes inicialmente selecionados pertenciam a duas turmas (uma de cada ano letivo) da unidade curricular (UC) de Gestão de Projetos de Desporto. A amostra-alvo era constituída por 52 estudantes, tendo-se conseguido um grupo amostral de 32 voluntários, o que corresponde a 60.37% dos estudantes que frequentaram a UC. Todos estes estudantes cumpriram com o exigido em termos de frequência da UC (75% das horas de formação) para conseguirem aprovação. Os estudantes que participaram no estudo foram divididos em função do sexo, idade e formação inicial, sendo 10 do sexo feminino (31.2 ± 6.97 anos) e 22 do sexo masculino (30.0 ± 6.37 anos), 10 mais novos (≤ 25 anos), 12 intermédios ($[26-34]$ anos) e 10 mais velhos (≥ 35 anos), 19 com formação inicial na área do desporto e 13 noutra área. À data do estudo todos os estudantes tinham alguma ligação ao Desporto (Figura 1).

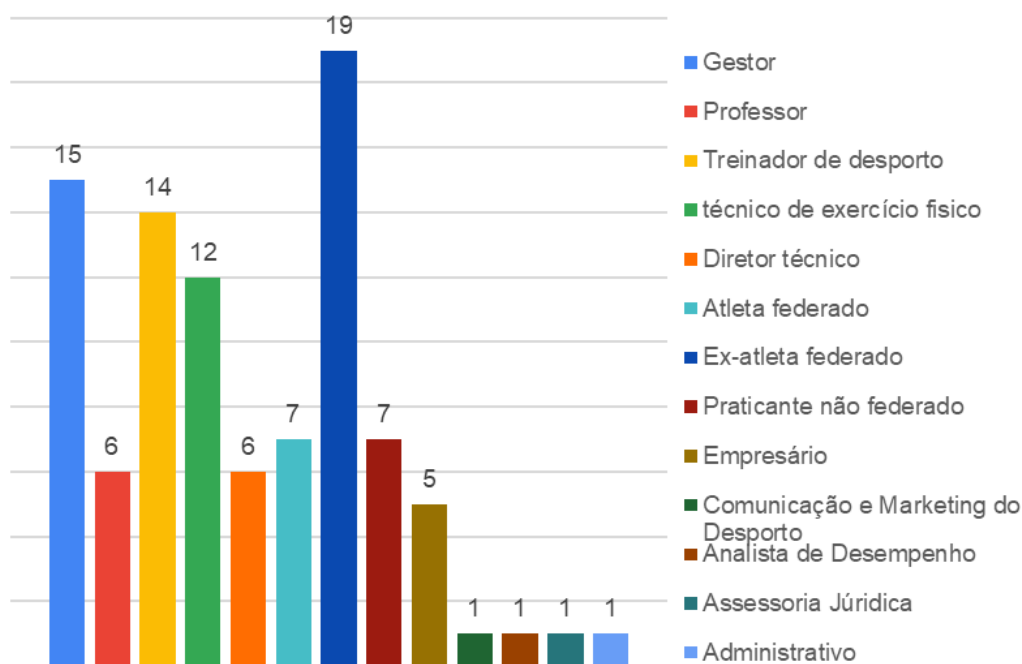


Figura 1. Ligação dos estudantes da amostra ao desporto.

Os estudantes tiveram o seu primeiro contacto com o empreendedorismo em vários momentos da sua formação académica. A grande maioria, teve o primeiro contacto no ensino superior (n=19) e os restantes dividiram-se entre o ensino básico (n=2), ensino secundário (n=9), a formação profissional (n=1) e jornais e revistas (n=1). Nos anos letivos de 2019/2020 e 2020/2021 os estudantes seguiram o mesmo plano curricular estipulado para a UC. Devido à pandemia Covid-19, que abrangeu os dois anos letivos, as aulas foram lecionadas em ambiente online, mas sempre com a confirmação da presença dos estudantes.

3.2. Caracterização da unidade curricular

A unidade curricular (UC) Gestão de Projetos de Desporto insere-se no plano curricular do 2º ciclo de estudos em Gestão Desportiva da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP). É lecionada no segundo semestre, estando-lhe destinadas 40h presenciais, distribuídas por dez aulas de carácter presencial com quatro horas de duração. Metade das horas da UC destina-se ao desenvolvimento de competências para a criação de empresas e as restantes são de carácter demonstrativo, com apresentação, por parte dos próprios administradores, dos negócios que criaram através das competências empreendedoras adquiridas. É composta por um total de seis créditos, o equivalente a 162h de trabalho. A presença dos estudantes na disciplina é de carácter obrigatório, tendo de ter pelo menos 75% de presenças para obter aprovação, salvo exceções previstas no Regulamento da Universidade do Porto (UP). A UC é lecionada em português e tem como principais objetivos: (1) apreender conhecimentos relativos ao empreendedorismo e inovação e respetivas relações com a criação e gestão de projetos de desporto; (2) desenvolver a capacidade de iniciativa, a criatividade e a autonomia, quer ao nível da criação e implementação de ideias, quer ao nível decisório; (3) adquirir competências de trabalho em equipa e de liderança de projetos.

O desafio proposto aos estudantes no âmbito da UC é o da criação de uma start-up, pelo que o programa lecionado é composto por conteúdos relacionados com as várias etapas de desenvolvimento e criação de uma ideia de negócio, até à realização de um sumário executivo e sua apresentação. Os estudantes são ainda incentivados a participar num concurso de empreendedorismo da *Junior Achievement Portugal* (JAP), num programa designado Start-up programm (participação voluntária).

A *Junior Achievement Portugal* (JAP) tem como missão inspirar e preparar os jovens para o desenvolvimento contínuo de competências empreendedoras, preparando-os para o mercado de trabalho, tentando aproximar-se do mundo das escolas. Rege-se por três pilares fundamentais: Cidadania e Literacia Financeira, Educação para o Empreendedorismo e Competências para a empregabilidade (<http://www.japortugal.org/educacao.html>, consultado a 15 de setembro de 2022).

Para a participação do concurso é constituída uma equipa e é atribuído um mentor da *Junior Achievement Portugal*, que juntamente com a docente da disciplina vai ajudar a desenvolver a ideia de negócio, de forma a torná-la viável e sustentável, validando assim todos os passos necessários para a criação de uma start-up. Os grupos devem passar por várias etapas, até ao momento em que o projeto final seja apresentado. É disponibilizado pela *Junior Achievement Portugal* o acesso a uma plataforma, onde estão discriminados os passos a seguir até ao projeto estar concluído. A primeira fase desta competição (fase regional), ocorreu Intra turma, com a apresentação da empresa a um júri externo determinado pela *Junior Achievement Portugal*, através do sumário executivo e um *pitch* de 4 min, onde o objetivo é apresentar de forma sucinta a sua ideia de negócio. Nesta fase foi apurada uma equipa para a competição nacional, que juntou jovens universitários de todo o país. Na fase nacional as equipas expõem o seu negócio e a viabilidade do mesmo, não bastando apenas ser criativo, é necessário também demonstrar as capacidades empreendedoras da equipa, assim como, o desenvolvimento individual de cada um. Esta fase é composta por três momentos: o envio do relatório, que aconteceu antes do dia da competição, a apresentação do negócio por via de um *pitch* de 4min no dia da competição e por fim uma entrevista com os jurados (também esta no próprio dia). No final são distribuídos vários prémios, sendo importante frisar que a equipa vencedora da fase nacional representa Portugal no *Europe Enterprise Challenge (EEC)* (<http://www.japortugal.org/educacao/ensino-universitario.html>, consultado a 15 de setembro de 2022). A equipa vencedora do ano 2019-2020 obteve o Prémio Comunicação.

Na primeira aula, os estudantes foram confrontados com o conceito de empreendedorismo, estimulados na sua capacidade de argumentação, cuidado com a imagem e a saber lidar com a crítica severa. A pressão do tempo é uma constante durante toda a aula, obrigando os estudantes a serem pró-ativos e inovadores na

resolução dos problemas propostos pela docente. A sessão termina com o desafio, de os estudantes criarem um negócio rentável, tendo de apresentar ao fim de uma semana, os lucros gerados. Na segunda aula é proposto aos estudantes que participem no concurso de empreendedorismo da *Junior Achievement Portugal* e é nesse momento que se inicia o *brainstorming* com vista ao desenvolvimento de ideias inovadoras que possam levar à criação de uma empresa da área do desporto, sendo condição ser um negócio ainda não existente no mercado. Nesta segunda aula são formados grupos, com seis elementos no máximo, que vão discutir autonomamente as mais diversas ideias de negócio, de forma a chegarem a uma ideia final de negócio, que tem de ser obrigatoriamente inovadora e viável. Na terceira aula, os grupos já têm de ter definida a ideia de negócio que querem desenvolver, apresentando-a à turma e à docente. No final de cada apresentação há discussão da ideia, abordando-se os pontos fracos e fortes do projeto. É a partir desta terceira aula que os grupos começam a trabalhar nos seus projetos, começando por definir a missão da empresa, o produto ou serviço a comercializar e o circuito de negócio. Neste seguimento, os grupos têm de realizar um extenso trabalho de casa de modo a definir bem os pontos acima referidos, para desta forma conseguirem dar seguimento à criação da sua empresa. A quarta aula, tem como objetivo delinear os últimos pontos do circuito de negócio, iniciar o estudo de mercado e introduzir o plano financeiro. Na última aula, os grupos têm de finalizar o projeto e apresentá-lo no estado de desenvolvimento que tiver sido conseguido. Se o grupo decidir participar no concurso da *Junior Achievement Portugal*, o seu trabalho continua após o término da disciplina, até à data da fase regional da competição da *Junior Achievement Portugal*. Durante este percurso até à fase regional, os estudantes podem sempre contar como apoio da docente. O projeto é desenvolvido no seio da UC, mas exigindo sempre muitas horas de trabalho fora do horário letivo, quer para quem participa no concurso, quer para quem não participa. Durante as aulas da UC e até ao momento em que o trabalho é apresentado, os alunos são constantemente postos à prova, através de novos desafios e tentado sempre ultrapassar as dificuldades que a criação de um projeto desta grandeza exige, recorrendo quer ao apoio da docente, quer dos colegas dos outros grupos e da *Junior Achievement Portugal*, quando se trata de um grupo de participante voluntário no programa.

3.3. Procedimentos e tratamento de dados

O presente estudo assenta num procedimento de investigação exploratório e descritivo, usando para isso uma metodologia de carácter qualitativo e quantitativo. Aplicou-se um questionário elaborado pela equipa de investigação Anexo I, e que depois de elaborado e analisado por um especialista foi aplicado a um grupo piloto, com o objetivo de aferir as perguntas aos objetivos do estudo. O questionário foi enviado por mensagem eletrónica à totalidade dos estudantes das duas turmas de UC de Gestão de Projetos de Desporto.

O questionário foi dividido em seis capítulos. O capítulo I centrou-se na recolha de dados de caracterização da amostra (idade, sexo, habilitações literárias, formação na área do desporto e primeiro contacto com o empreendedorismo). O capítulo II visou o diagnóstico da importância atribuída à unidade curricular de Gestão de Projetos de Desporto. O capítulo III focou-se nas alterações da atitude empreendedora dos estudantes. Os capítulos IV, V e VI permitiram recolher dados relativos à criação e inovação de empresas, terminando com uma questão aberta sobre a opinião dos inquiridos relativa à importância da formação em empreendedorismo na criação de negócios.

Os capítulos que compuseram o questionário, com exceção do capítulo III, eram constituídos por perguntas fechadas e abertas. Para analisar as perguntas fechadas foram determinadas frequências e calculadas percentagens de resposta dos estudantes. As perguntas abertas foram analisadas e o seu conteúdo categorizado de forma a quantificar padrões de resposta. No capítulo III, para perceber se houve ou não alteração da atitude empreendedora dos estudantes com a participação na unidade curricular de Gestão de Projetos, foi criado um conjunto de 20 perguntas fechadas, divididas por 6 categorias, que se distinguem entre si pelo tipo de características e comportamentos empreendedores (poder de iniciativa, qualidade e eficácia, comprometimento, autoconfiança e criatividade, persistência e objetivos definidos). As perguntas foram retiradas e adaptadas de outros questionários aplicados em contextos afins (Dornelas, 2003). Para a resposta às perguntas foi usada uma escala de Likert de 5 pontos, sendo o 1 considerado insuficiente, o 2 suficiente, o 3 bom, o 4 muito bom e o 5 excelente. No final foram somados todos os pontos de cada pergunta (ex: nível 3 = 3 pontos), num

máximo de 100 pontos. O valor obtido por cada um dos inquiridos permitiu enquadrá-lo em um dos quatro perfis de empreendedor:

75 a 100 pontos: apresenta a maioria das características e comportamentos empreendedores e tem o perfil necessário para se diferenciar no que respeita à atitude empreendedora.

50 a 74 pontos: apresenta muitas características e comportamentos empreendedores, mas o perfil aponta para a necessidade de encontrar equilíbrio entre pontos fortes e fracos.

25 a 49 pontos: apresenta poucas características e comportamentos empreendedores e o perfil aponta para a necessidade de melhorar os pontos fracos.

Menos de 25 pontos: apresenta muito poucas características e comportamentos empreendedores e ausência de perfil empreendedor diferenciador.

O cálculo das variáveis descritivas e o tratamento gráfico dos resultados foi realizado no programa Excel da Microsoft Office, versão 2019.

3.3.1 Procedimentos estatísticos

O tratamento estatístico foi realizado no programa SPSS, versão 26 para Windows. A análise exploratória de dados precedeu a realização de testes comparativos de médias. As distribuições foram consideradas normais quando os valores da prova do teste de Shapiro-Wilk foram superiores a 0.05. Para analisar o efeito das variáveis sexo, idade e formação inicial na alteração das várias categorias da atitude empreendedora e na atitude empreendedora global foi utilizado um teste ANOVA de medidas repetidas, tendo-se garantido os pressupostos de igualdade das matrizes de covariância e de esfericidade (Teste de Esfericidade de Mauchly's).

3.4. Procedimentos éticos

No presente estudo foram considerados os aspetos éticos relacionados com a participação voluntária, a garantia do anonimato e a confidencialidade das declarações dos participantes.

4. Resultados

Foi objetivo do presente estudo discriminar o efeito da formação em empreendedorismo de estudantes de Desporto com base no sexo, idade e formação inicial, no sentido de perceber se será necessário adotar estratégias de formação distintas. Distinguiram-se primeiro, por sexo, idade e formação inicial as expectativas dos estudantes sobre a UC, o interesse suscitado e a perceção quanto à adequação e utilidade da mesma, de forma a perceber o seu nível de satisfação global. De seguida, comparou-se a perceção relativa à identificação da mudança na atitude empreendedora, da capacidade de criação de negócio e de inovação. Por fim, comparou-se a importância dada à formação em empreendedorismo na criação e inovação de empresas.

Na Figura 2 observa-se que as raparigas, de forma pouco pronunciada, e os estudantes de idade intermédia e os que têm formação inicial em desporto, de forma mais evidente, tenderam a ver cumpridas as suas expectativas em relação à UC de Gestão de Projetos de Desporto. Os motivos justificativos do cumprimento apenas parcial ou do incumprimento das expectativas foram diversos, como se pode observar na Tabela 1.

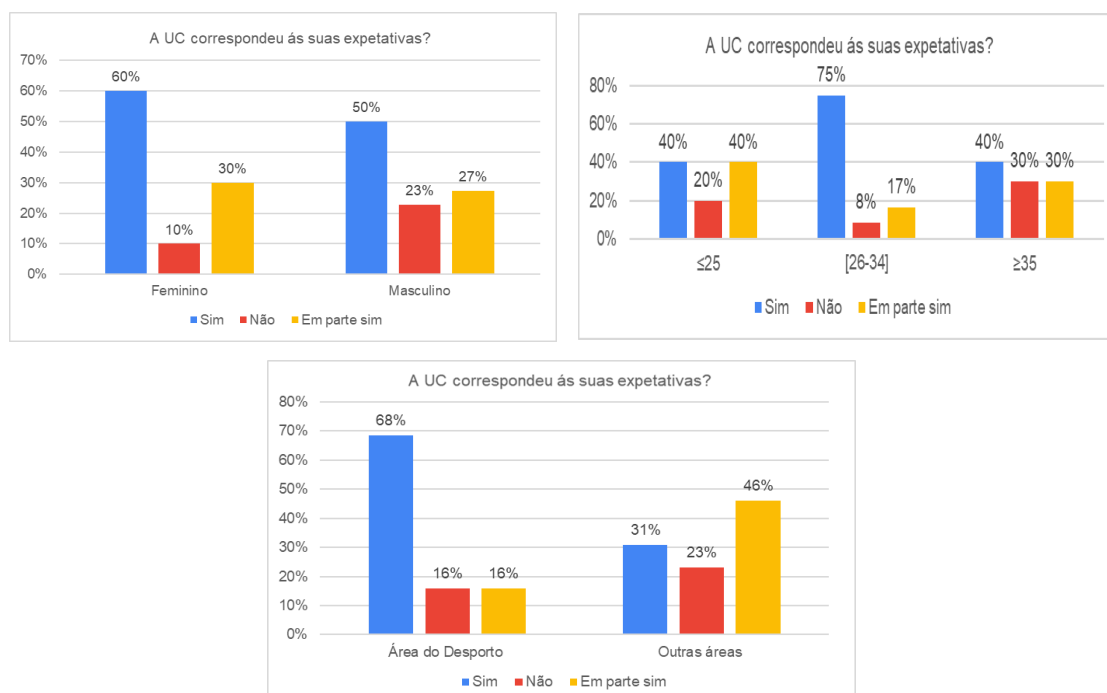


Figura 2. Expectativas dos estudantes para com a unidade curricular, discriminadas em função do sexo, idade e formação inicial.

Tabela 1. Motivos relacionados com o cumprimento parcial e incumprimento das expectativas para com a unidade curricular, discriminados em função do sexo, idade e formação inicial.

Cumprimento parcial	Masc	Fem	≤25	26-34	≥35	Desporto	Outra
Foco excessivo no concurso da JAP*	1	2	2	1		2	1
Lecionação em regime on-line	1		1			1	
Falta de aplicação à realidade	1		1				1
Conteúdo insuficiente; pouco aprofundado e relacionado com outras disciplinas	2	1		1	2		3
Carga horária insuficiente	1				1		1
Incumprimento							
Desadequação dos conteúdos	3		1	1	2	2	2
Falta de aplicabilidade	1		1				1
Razões pessoais		1			1	1	

* Junior Achievement Portugal

Na Figura 3 observa-se o interesse que os estudantes manifestaram nos conteúdos da UC de Gestão de Projetos de Desporto, discriminados em função do sexo, idade e formação inicial. Os estudantes de desporto, de forma muito pouco evidente, e as raparigas e os estudantes de idade intermédia, mais claramente, manifestaram interesse constante ou crescente na UC. Uma percentagem de estudantes, que não pode ser desconsiderada, manifestou que nunca teve interesse na UC ou que o mesmo foi diminuindo, podendo observar-se na Tabela 2 os conteúdos da UC que suscitaram mais interesse.

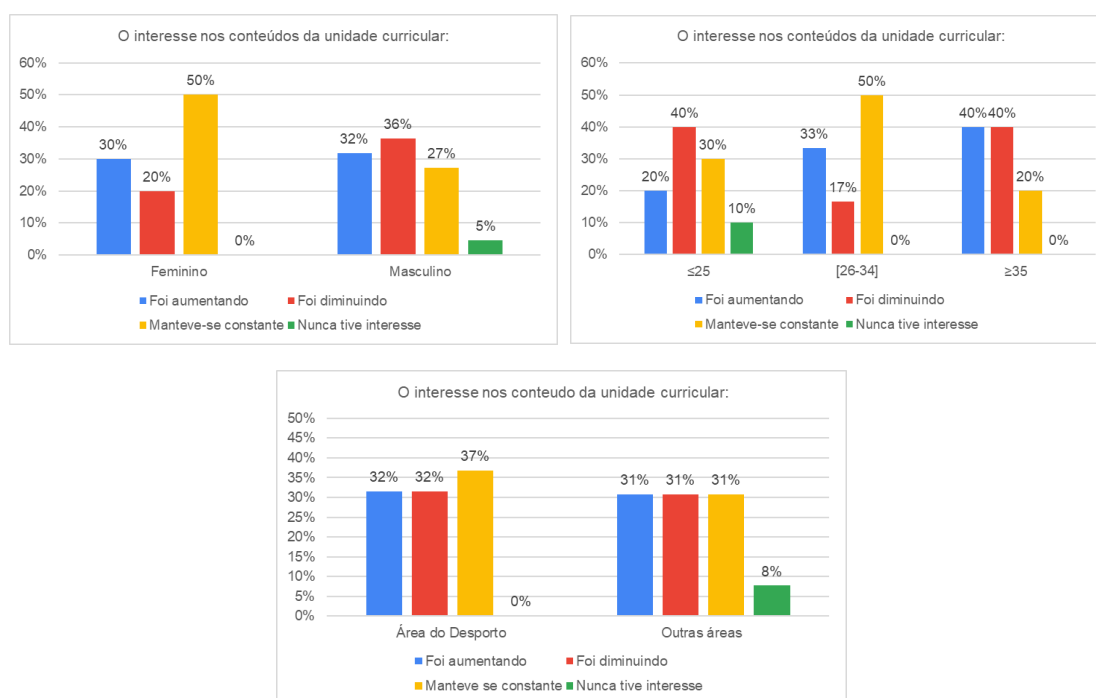


Figura 3. Interesse nos conteúdos da unidade curricular, discriminados em função do sexo, da idade e formação inicial.

Tabela 2. Conteúdos em que os estudantes demonstraram maior interesse durante a unidade curricular, discriminados em função do sexo, idade e formação inicial.

Conteúdos de maior interesse	Masc	Fem	≤25	26-34	≥35	Desporto	Outra
Jogos de introdução ao empreendedorismo	2	4	4	1	1	6	
Brainstorming e criação de ideias de negócio	15	8	6	11	6	14	10
Definição e desenvolvimento da ideia de negócio	15	5	8	8	5	13	8
Definição do circuito de negócio	6	3	6	2	2	7	4
Não respondeu	3		1		1		2

Na Figura 4 observa-se a opinião dos estudantes em relação à carga horária disponibilizada para a leção da UC de Gestão de Projetos de Desporto, discriminada em função do sexo, idade e formação inicial. Os estudantes do sexo feminino, os de idade intermédia e os estudantes de desporto consideraram, na sua maioria, que a carga horária destinada à UC de Gestão de projetos foi suficiente. Contudo, uma percentagem de estudantes que não pode ser desconsiderada achou que carga horária foi moderada ou vincadamente insuficiente, podendo os motivos associados a estas opiniões ser observados na Tabela 3.

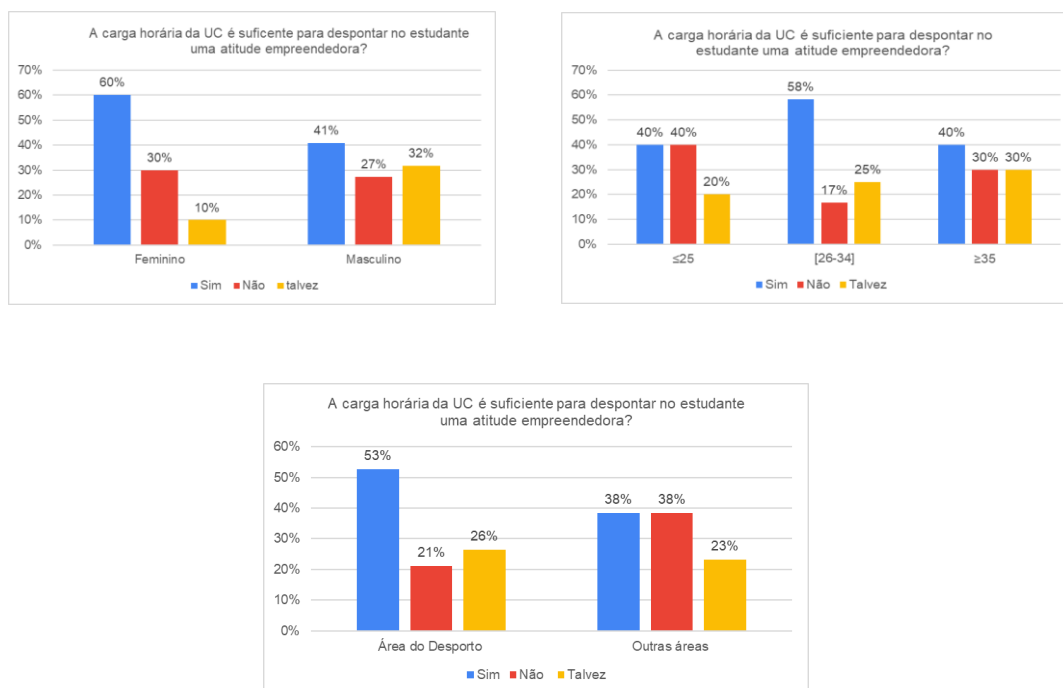


Figura 4. Suficiência da carga horária para despontar nos estudantes uma atitude empreendedora, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.

Tabela 3. Motivos apontados pelos estudantes para a insuficiência total ou parcial da carga horária.

Carga horária parcialmente suficiente	Masc	Fem	≤25	26-34	≥35	Desporto	Outra
Depende do perfil de cada estudante	1	1		1	1	1	1
Lecionação em regime online	1		1			2	
Tempo limitado tendo em conta os conteúdos	4			2	2	1	2
Carga horária insuficiente							
Tempo insuficiente	3	1	4			2	2
Lecionação em regime online	1			1			
Falta de ferramentas teóricas	1	1			2	1	2

Na Figura 5 percebe-se que a maioria dos estudantes, independentemente do sexo, da idade e da formação inicial, concordou que os conteúdos abordados foram adequados ao nível do 2º ciclo. Uma pequena parte dos estudantes do sexo masculino, dos estudantes mais novos e mais velhos e dos estudantes com formação inicial noutras áreas manifestou uma opinião contrária. Os estudantes que justificaram o motivo pelo qual responderam não, enumeraram a dispersão de temas e os temas não relacionados com projetos (n=2).

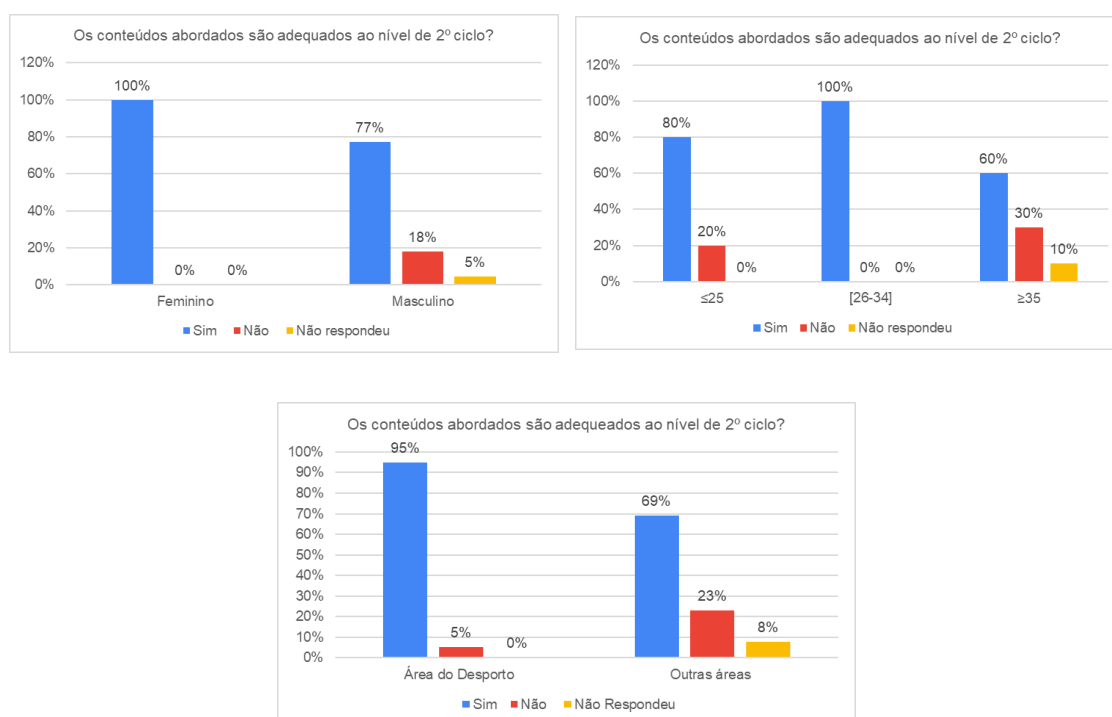


Figura 5. Adequação dos conteúdos abordados ao nível de 2º ciclo de ensino, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.

Os estudantes foram questionados, numa pergunta de resposta aberta, sobre que outros conteúdos poderiam ser abordados no âmbito da UC e as respostas dadas foram diversas e difíceis de categorizar, encontrando-se transcritas na Tabela 4.

Tabela 4. Sugestões de temas que poderiam ter sido abordados durante a leção da unidade curricular.

Sugestão de temas a abordar	Masc	Fem	≤25	26-34	≥35	Desporto	Outra
Gestão Financeira	2	4	3		3	5	1
Exemplos práticos de empreendedorismo	1	3	1	1	2	3	1
Plano de negócios	2	1			3		3
Sem sugestão	17	2	6	10	3	11	8

A alteração da atitude empreendedora consequente da frequência da UC pode ser observada nas Tabela 5, Tabela 6 e Tabela 7, quer para cada categoria da atitude empreendedora, quer para a atitude empreendedora no seu todo. Verificou-se que ser rapaz ou rapariga não determinou uma alteração diferente em nenhuma das categorias estudadas. Não se verificaram diferenças entre os rapazes e as raparigas na sua atitude empreendedora global.

Tabela 5. Efeito do sexo na alteração das várias categorias da atitude empreendedora e na atitude empreendedora em geral.

	Masc	Fem	F	sig	Observed Power
Poder de iniciativa					
Antes	15,3±2,9	15,7±2,5	0.184	0.671	0.070
Após	16,6±2,6	16,6±2,2			
Qualidade e eficiência					
Antes	16,5±2,2	16,2±1,9	0.002	0.966	0.050
Após	17,18±2,02	16,8±1,7			
Comprometimento					
Antes	8,0±1,4	7,8±1,7	0.253	0.618	0.078
Após	8,7±1,3	8,2±1,4			
Autoconfiança e criatividade					
Antes	15,3±2,7	14,3±2,6	0.112	0.740	0.062
Após	16,8±2,2	15,5±2,5			
Persistência					
Antes	12,0±1,8	11,2±1,9	0.026	0.872	0.053
Após	12,6±1,8	11,9±1.4			
Definição de objetivos					
Antes	11,6±2,4	11,9±1,7	0.022	0.883	0.052
Após	12,2±2,4	12,4±1,8			
Atitude empreendedora global					
Antes	78,81±11,1	77,1±9,73	0.009	0.927	0.051
Após	83,55±12,10	81,4±9,5			

Verificou-se que a idade não levou a que houvesse uma alteração diferente nas categorias estudadas. Não se verificaram diferenças entre os estudantes mais novos, os estudantes de idade intermédia e os mais velhos.

Tabela 6. Efeito da idade na alteração das várias categorias da atitude empreendedora e na atitude empreendedora em geral.

	25	25-30	35	F	sig	Observed Power
Poder de iniciativa						
Antes	14,2±2,4	15,6±3.1	16,3±2,4	0.560	0.577	0.134
Após	14,8±2,1	17,5±2,2	17,4±2,4			
Qualidade e eficiência						
Antes	15,4±1,9	16,8±2,4	17,1±1,6	1.067	0.357	0.218
Após	15,7±1,4	18.1±1,5	17,2±2,1			
Comprometimento						
Antes	7,5±1,4	8,1±1,2	8,3±1,8	0.821	0.450	0.177
Após	7,8±1,2	9±1,0	8,7±1,6			
Autoconfiança e criatividade						
Antes	13,9±3,0	14,8±3,0	16,2±1,5	2.053	0.147	0.388
Após	15,2±2,8	17,2±1,7	16,6±2,2			
Persistência						
Antes	10,9±2,2	11,8±1,7	12,6±1,2	1.717	0.197	0.331
Após	11,9±2,2	12,8±1,5	12,4±1,6			
Definição de objetivos						
Antes	11,4±2,3	11,5±2,6	12,2±1,6	1.479	0.245	0.290
Após	11,7±2,4	12,7±2,3	12,3±2,1			
Atitude empreendedora global						
Antes	73,3±10,53	78,75±12,11	82,7±6,57	1.219	0.310	0.245
Após	77.1±9.75	87.25±8.85	85.6±10.10			

Verificou-se que ter formação inicial em desporto ou numa outra área não determinou uma alteração diferente nas categorias do poder de iniciativa, comprometimento, autoconfiança e criatividade e na definição de objetivos. Contudo, nas categorias qualidade e eficiência e persistência vê-se que houve diferenças significativas entre os estudantes com formação em desporto e os estudantes com formação noutras áreas. Na categoria da qualidade e eficiência, os estudantes com formação em desporto mudaram de forma mais exuberante a atitude empreendedora em comparação com os estudantes formados inicialmente em outras áreas. Na persistência verificou-se o mesmo padrão, com os estudantes de desporto a terem uma maior mudança na sua atitude. Na atitude empreendedora global não se verificaram diferenças entre os estudantes com formação inicial em desporto ou noutras áreas.

Tabela 7. Efeito da formação inicial na alteração das várias categorias da atitude empreendedora e na atitude empreendedora em geral.

	Desporto	Outros	F	sig	Observed Power
Poder de iniciativa					
Antes	14,9±2,9	16,2±2,4	1.868	0.182	0.263
Após	16,6±2,8	16,6±2,1			
Qualidade e eficiência					
Antes	15,9±2,3	17,2±1,4	5.525	0.026	0.625
Após	17,2±2,0	16,85±1,91			
Comprometimento					
Antes	7,7±1,7	8,4±1,0	2.598	0.117	0.345
Após	8,5±1,4	8,5±1,3			
Autoconfiança e criatividade					
Antes	14,6±3,0	15,5±2,1	4.010	0.054	0.491
Após	16,6±2,4	16±2,3			
Persistência					
Antes	11,3±2,0	12,4±1,3	6.210	0.018	0.674
Após	12,7±1,9	12,1±1,5			
Definição de objetivos					
Antes	11,8±2,1	11,5±2,3	3.896	0.058	0.480
Após	12,8±1,9	11,4±2,4			
Atitude empreendedora global					
Antes	76,32±11,53	81,15±8,52	3.186	0.085	0.408
Após	84,42±10,46	79±17,36			

Na Figura 6 apresenta-se a percentagem de estudantes que já tinham empresa antes de frequentar a UC de Gestão de Projetos de Desporto, discriminados em função do sexo, da idade e formação inicial. A maioria dos estudantes, independentemente do sexo, da idade e da formação inicial revelaram que não tinham empresa antes de frequentarem a UC de Gestão de Projetos de Desporto. A pequena parte dos estudantes, do sexo masculino e feminino, com idade intermédia e mais velhos e com formação inicial em desporto ou outra área, que referiram que já tinham empresa antes de iniciar a UC de Gestão de Projetos de Desporto, revelaram que esta era na área do desporto.

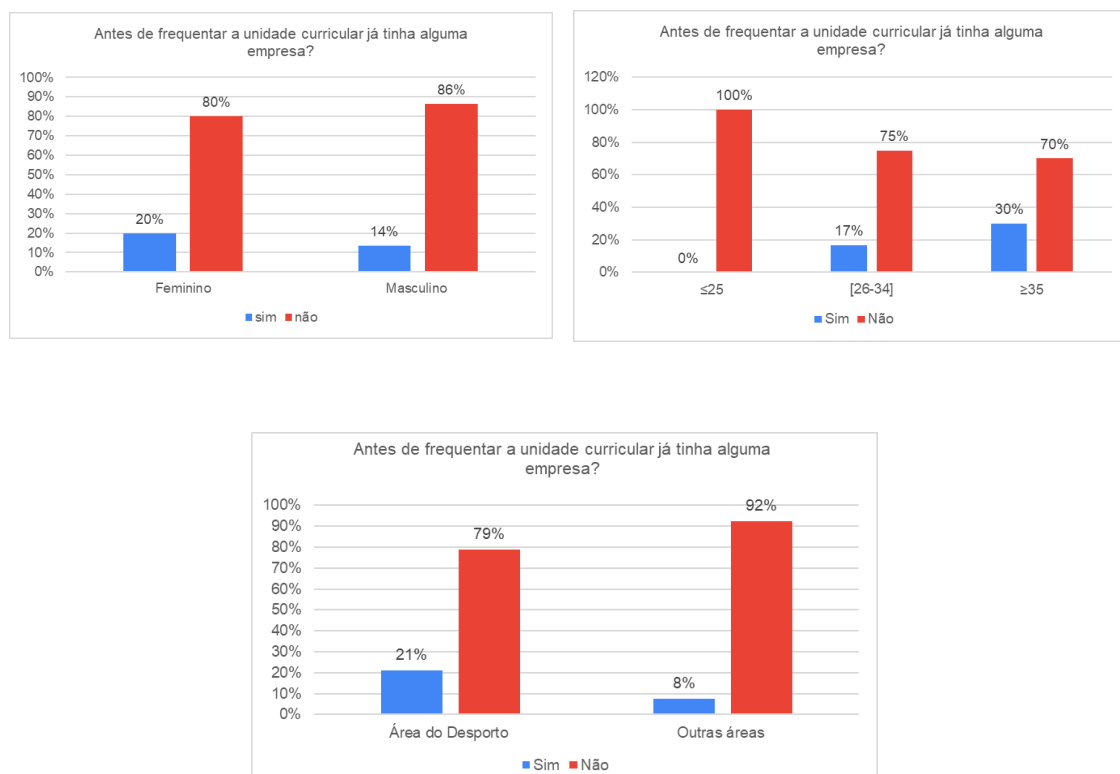


Figura 6. Estudantes que tinham empresa antes de frequentar a unidade curricular, discriminados em função do sexo, da idade e formação inicial.

Na Figura 7 vemos que os estudantes, na sua maioria, responderam que não criaram uma start-up após o término da UC de Gestão de Projetos de Desporto. A pequena percentagem de estudantes do sexo feminino, com menos de 25 anos ou mais de 35 anos e formados inicialmente em desporto, que criou uma empresa após a UC de Gestão de Projetos de Desporto, disse que a mesma foi criada na área do Desporto.

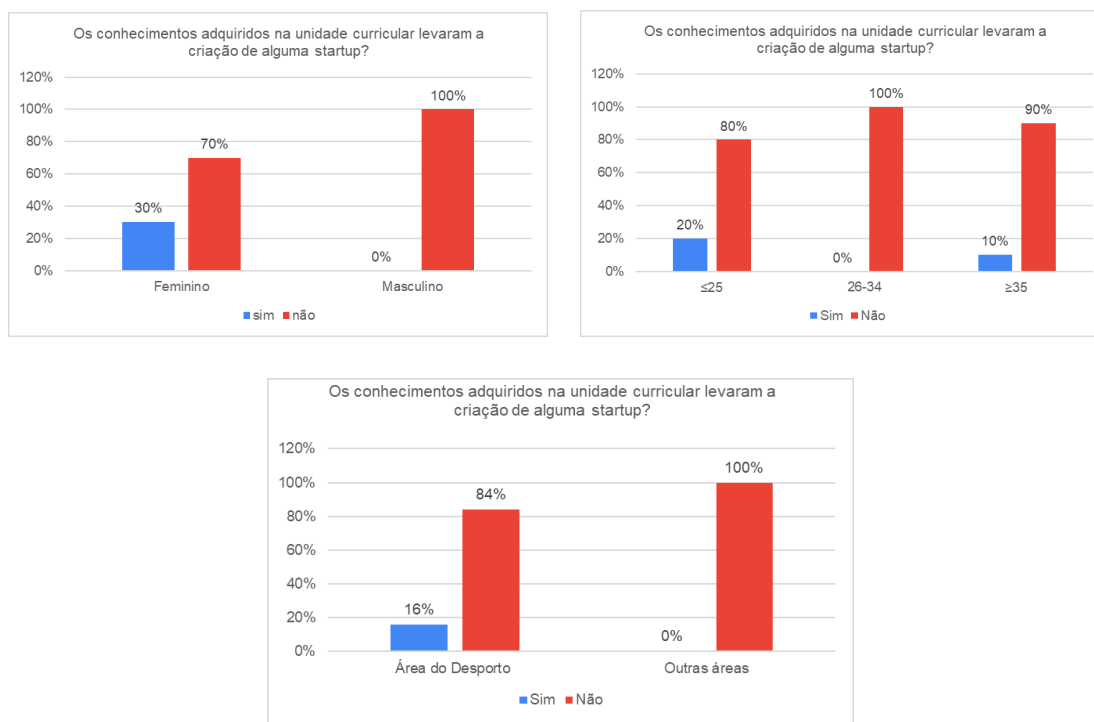


Figura 7. Criação de uma start-up em consequência dos conhecimentos adquiridos na unidade curricular, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.

Na Figura 8 observa-se que a maioria dos estudantes, independentemente do fator discriminatório definido, sente-se capaz de criar uma empresa com os conteúdos que aprenderam durante a UC de Gestão de Projetos de Desporto. Os motivos que levaram uma pequena percentagem, quer de rapazes e raparigas, quer das várias idades e formação inicial distinta, a responderem que não se sentem capazes de criar uma empresa após a UC estão discriminadas na Tabela 8.

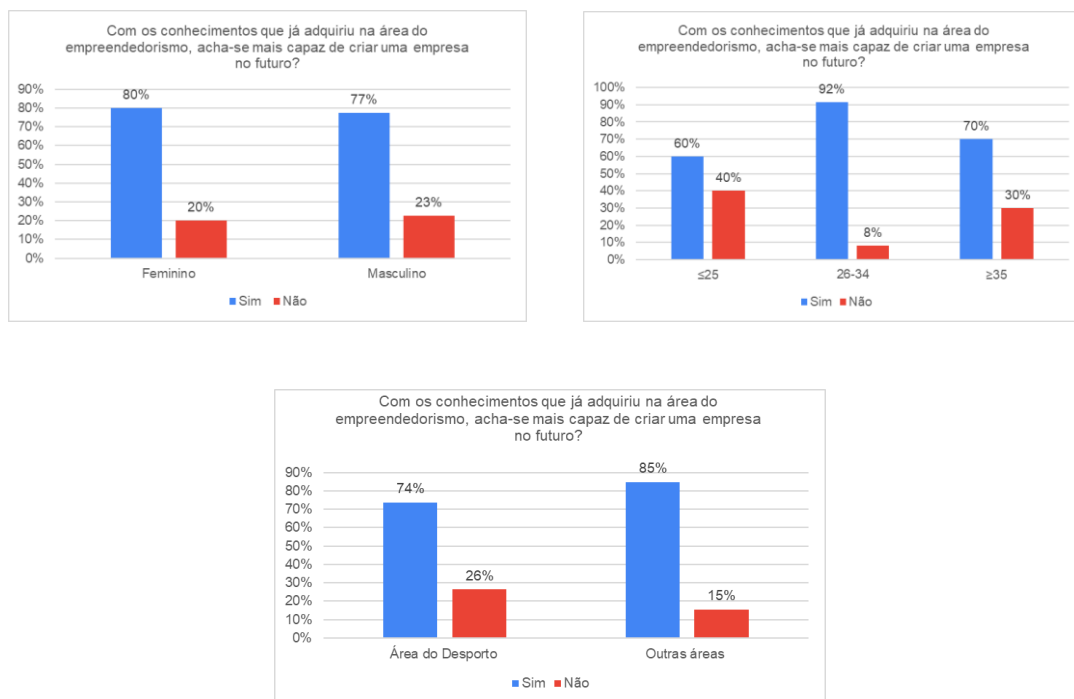


Figura 8. Capacidade dos estudantes para a criação de uma empresa tendo por base os conteúdos aprendidos na unidade curricular, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.

Tabela 8. Motivos que levaram os estudantes a não se considerarem capazes de criar uma empresa.

Não considera capaz de criar uma empresa	Masc	Fem	≤25	26-34	≥35	Desporto	Outra
Conteúdos pouco aprofundados	1	2	1		2	2	1
Razões pessoais	1		1			1	

Na Figura 9 observa-se a situação profissional atual dos estudantes que frequentaram a UC de Gestão de Projetos de Desporto nos anos letivos de 2019-2020 e 2020-2021. A maioria dos rapazes e raparigas, dos estudantes com formação inicial em desporto ou numa outra área estão atualmente empregados numa empresa. Quando considerado o fator discriminante idade, verificam-se maiores diferenças. Os estudantes com menos de 25 anos encontram-se, na sua maioria, a trabalhar, assim como os estudantes com idades intermédias. Os estudantes mais velhos dividem-se, metade está a trabalhar enquanto a outra metade se encontra apenas a frequentar o curso de mestrado e não está ligado a nenhuma empresa.

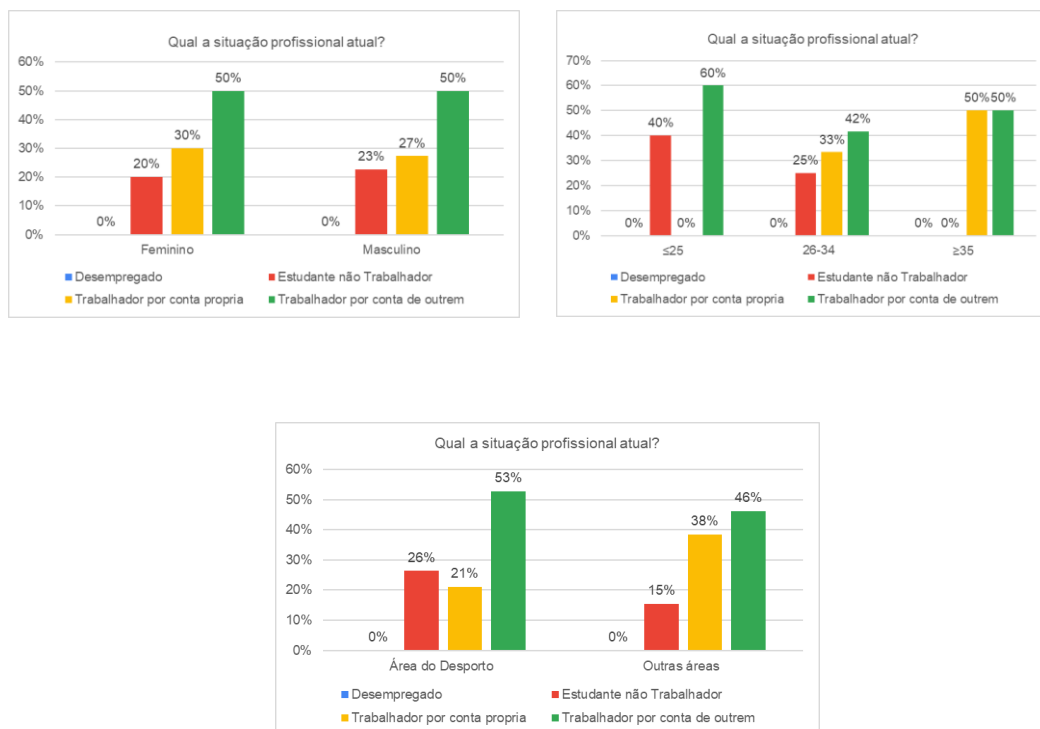


Figura 9. Situação profissional atual dos estudantes, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.

Na Figura 10 observa-se que a maioria dos estudantes do sexo feminino, dos estudantes com idades intermédias e mais velhos e dos estudantes com formação inicial numa outra área, de forma pronunciada, e os estudantes do sexo masculino e com formação em desporto, de forma pouco pronunciada, sente-se capazes de aplicar os conhecimentos adquiridos com a UC de Gestão de Projetos de Desporto. Na Tabela 9 pode-se analisar em que medida os conhecimentos e capacidades adquiridas ajudaram os estudantes. Os estudantes com menos de 25 anos de idade dividiram-se na sua resposta, tendo metade considerado que é capaz de aplicar os conhecimentos e a outra metade não. Uma percentagem de estudantes, que não pode ser desconsiderada, manifestou que não se sente capaz de aplicar os conhecimentos e capacidades que adquiriu, podendo observar-se na Tabela 10 os motivos enunciados para esse sentimento de incapacidade.



Figura 10. Aplicabilidade dos conhecimentos e capacidades adquiridas com a unidade curricular, discriminadas em função do sexo, idade e formação inicial.

Tabela 9. Motivos justificativos de os estudantes terem conseguido aplicar os conhecimentos e capacidades adquiridos na unidade curricular nas empresas em que trabalham.

Aplicabilidade	Masc	Fem	≤25	26-34	≥35	Desporto	Outra
Crescimento e autoconfiança		1	1			1	1
Inovação e organização	4			3	1	3	
Definição de metas e objetivos	3		2		1	2	1

Tabela 10. Motivos justificativos de os estudantes não terem conseguido aplicar os conhecimentos e capacidades adquiridos na unidade curricular nas empresas em que trabalham.

Não aplicabilidade	Masc	Fem	≤25	26-34	≥35	Desporto	Outra
Existência de uma estrutura hierarquizada	4	1	1	3	1	2	3
Não se enquadra na área	2	2			4	3	1
Bom funcionamento da empresa		2			2	1	1

Os estudantes foram questionados, numa pergunta de resposta aberta, se na sua opinião, a formação em empreendedorismo era fundamental para a criação ou inovação de um negócio, podendo as respostas ser observadas na Figura 11. Analisando as mais variadas respostas e tendo em conta os três grupos em estudo, podemos constatar que é consensual a importância da formação em empreendedorismo para a criação e inovação das empresas. Na Tabela 11 podemos analisar os motivos que levaram os estudantes a responder à importância da formação em empreendedorismo e também os motivos que levaram uma pequena percentagem a responder que não considera fundamental a formação em empreendedorismo para a criação e inovação.

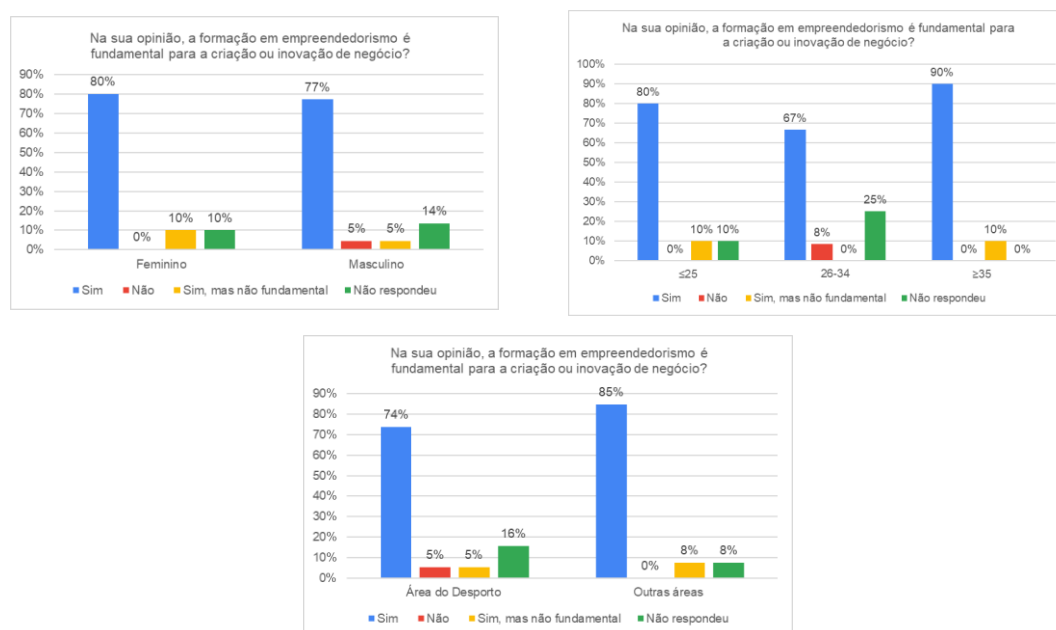


Figura 11. Importância da formação em empreendedorismo para a criação ou inovação de negócio, discriminada em função do sexo, da idade e formação inicial.

Tabela 11. Reconhecimentos dos estudantes relativo à importância da formação inicial em empreendedorismo.

Importância da formação em empreendedorismo	Masc	Fem	≤25	26-34	≥35	Desporto	Outra
Aquisição de conhecimentos e capacidades	10	4	6	5	3	7	7
Capacitar os estudantes para a contante evolução da sociedade	3	3	3		3	5	1
Transição entre a parte académica e o mercado de trabalho	3			2	1	1	2
Aumento do Estímulo / motivação	2	1		1	2	1	2
A formação em empreendedorismo não é importante/fundamental							
Depende do perfil individual de cada estudante	1	1		1	1	2	

5. Discussão dos Resultados

Pretendeu-se, com o estudo, discriminar o efeito da formação em empreendedorismo de estudantes de Desporto com base no sexo, idade e formação inicial, no sentido de perceber se será necessário adotar estratégias de formação distintas. A literatura consultada indicou que existem diferenças na atitude empreendedora dos indivíduos tendo em conta o sexo, a idade e a formação inicial, pelo se anteviu a possibilidade de os estudantes do sexo masculino da UC de Gestão de Projetos de Desporto desenvolverem maior capacidade empreendedora, de a idade intermédia (25-34 anos) ser a mais predisposta a empreender e dessa predisposição ser distinta com base na formação inicial. Recordando a literatura, segundo Marques (2011), os homens são mais propensos para o empreendedorismo quando comparados com as mulheres. Brandão et al. (2019) destacam que apesar de os homens e mulheres terem a mesma formação eles são mais eficazes na aplicação dos conhecimentos quando comparados com elas. Lévesque e Minniti (2006) mostram-nos que a criação de novas empresas acontecem em indivíduos com a faixa etária compreendida entre os 25 anos e os 35 anos, o que é explicado por Bönnte et al. (2009) ao afirmarem que existe uma relação em forma de U invertido entre a idade e a decisão de iniciar um negócio. A tendência empreendedora dos estudantes varia ainda de acordo com o curso onde fazem a sua formação, segundo Holienka et al. (2016) alunos de diferentes cursos, com diferentes disciplinas apresentam diferentes taxas de predisposição empreendedora. O efeito da formação foi analisado com base na satisfação global com a UC, mudança da atitude empreendedora e criação ou inovação de negócio e com base no autoconceito desenvolvido sobre a importância da formação em empreendedorismo.

A maior parte dos estudantes do sexo feminino, do escalão etário intermédio e dos estudantes com formação em desporto viu as suas expectativas cumpridas, manteve ou aumentou o interesse na UC e considerou a sua carga horária adequada. Dado que a literatura tende a apontar os estudantes do sexo masculino como mais predispostos para o empreendedorismo, (Brandão et al., 2019; Koellinger et al., 2013; Margaca et al., 2020; Marques, 2011; Rodriguez-Gutierrez et al., 2020) a maior satisfação global das raparigas revelada no presente estudo mostrou-se algo surpreendente, ainda que tal resultado possa estar mais relacionado com a sua atitude académica em geral. Vários estudos comparativos da relação de rapazes e raparigas com

o estudo referem ser elas as tendencialmente mais envolvidas e empenhadas. Num estudo realizado por Younger e Warrington (2006), em que se pretendia comparar as raparigas com os rapazes, na escola, durante 4 anos, concluiu-se que as raparigas tendiam a ser mais comprometidas e organizadas do que os rapazes, pelo que é natural que daí advenha maior satisfação. A maior satisfação do grupo de idade intermédia condiz com resultados de estudos que referem ser este o escalão etário mais predisposto para o empreendedorismo, por motivos relacionados com a ausência de estabilidade e emprego fixo. Lévesque e Minniti (2011) apontaram uma conclusão semelhante, ao referirem que os indivíduos jovens têm poucos recursos financeiros, enquanto os indivíduos mais velhos têm maior capital, mas enfrentam elevados custos de oportunidade de empreendedorismo por terem de renunciar aos salários que já recebem em troca de retornos incertos. Os mesmos autores já haviam concluído, em pesquisa anterior, que a criação de novas empresas acontece em grande parte nos indivíduos com idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos, por terem menos responsabilidades e empregos menos estáveis (Lévesque & Minniti, 2006). Os estudantes de desporto revelaram maior satisfação com a UC, comparativamente com os colegas de outras áreas, possivelmente por menor contacto anterior com esta matéria ou mesmo por anteriormente a considerarem pertença de outras áreas do conhecimento. Ratten e Jones (2018) reforçaram recentemente a necessidade de colocar os estudantes de desporto em contacto com a educação para o empreendedorismo, na medida em que ajuda no desenvolvimento da empregabilidade e de competências sociais fundamentais para a atividade empresarial. Os estudantes de desporto, apesar de habitualmente não terem formação em empreendedorismo durante o seu percurso académico, são considerados por Jones et al. (2014) como naturalmente empreendedores devido à experiência que têm como atletas ou treinadores nas suas modalidades. A percentagem de estudantes não totalmente satisfeitos e insatisfeitos com a UC não foi despreciable, tornando-se necessário analisar com cuidado e discutir os motivos relacionados com tal, no sentido de perceber se existe a possibilidade de estabelecer propostas de alteração de estratégias de lecionação (mais à frente nesta discussão).

Os motivos justificativos do não cumprimento total ou do incumprimento das expectativas com a UC foram divididos, após análise das respostas dos questionários,

em oito categorias, o que revela a disparidade de respostas dadas e levanta dificuldade de análise da UC, dado que cada um parece ter a sua opinião sobre as limitações da mesma. Apesar da diversidade de respostas, foi possível perceber que os rapazes, os estudantes mais novos e os estudantes com formação inicial fora da área do desporto apontaram maior número de motivos e mais diversificados, devendo futuras estratégias de alteração da UC contemplar esta evidência. Dois motivos justificativos de cumprimento apenas parcial das expectativas com a UC foram os mais apontados pelos estudantes. Todos, exceto os mais velhos, consideraram que a UC tem foco excessivo no concurso da *Junior Achievement Portugal*. Trata-se de um resultado curioso, uma vez que a *Junior Achievement Portugal* apenas permite a participação no concurso de estudantes maiores do que 35 anos na fase regional. Apesar destes estudantes verem a sua participação limitada, parecem reconhecer melhor o valor do concurso, possivelmente pela maior proximidade com a realidade, comparativamente com os colegas mais jovens. Os estudantes, exceto os mais novos e os que têm formação inicial em desporto, consideraram também que o conteúdo da UC é insuficiente, pouco aprofundado e pouco relacionado com as outras disciplinas, manifestando opiniões como “Parte da disciplina não esteve relacionada com gestão de projetos. A parte da disciplina que esteve relacionada, penso que deveria ser conjugada com as outras disciplinas do mestrado ao longo do ano, como por exemplo marketing, gestão financeira...”, “A meu ver faltou o processo de criação de empresas e apoios para novos projetos, bem como planos de negócios” e “Conteúdo limitado, podia explorar mais.”. O motivo associado ao incumprimento das expectativas mais enunciado foi a desadequação de conteúdos, apenas não referido pelas raparigas, não tendo sido possível, através do questionário, contextualizar a referida desadequação, o que sugere a utilização, em pesquisas futuras, do modelo de entrevista em complemento ou alternativa ao questionário. Os motivos enumerados pelos estudantes vão ao encontro das suas expectativas pessoais em relação ao que poderiam encontrar nesta UC de Gestão de Projetos de Desporto, pelo que havia certamente alunos que esperavam que a UC levasse uma direção mais teórica enquanto outros esperavam que a UC tomasse uma direção mais prática. Segundo Sirelkhatim et al. (2015), podem encontrar-se vários métodos de ensino, dependendo dos objetivos do programa estipulado, podendo ir desde cursos teóricos, com o objetivo de aumentar a consciência empreendedora, até cursos

práticos, preparando os estudantes para iniciar o seu próprio negócio. Para além disso, os estudantes que enumeram estes motivos teriam já tido alguma experiência prévia com o empreendedorismo, pelo que previam que os conteúdos fossem aprofundados e desenvolvidos. Segundo SACRE et al. (2016), percebe-se que no ensino do empreendedorismo ainda há falta de consistência em relação aos objetivos de aprendizagem, modelos de programas, modos de entrega e número e duração dos cursos realizados e tipos de experiências educacionais. No mesmo estudo, realizado com estudantes de engenharia, conclui-se que os alunos com experiência anterior em empreendedorismo tinham mais familiaridade com os conceitos, em comparação com os alunos que não tinham experiência anterior.

Os conteúdos abordados ao longo da UC de Gestão de Projetos de Desporto foram divididos em quatro grandes temas, iniciando com os jogos de introdução ao empreendedorismo, seguindo-se o *brainstorming* e criação de ideias de negócio, definição, o desenvolvimento da ideia de negócio e terminando com a definição do circuito de negócio. De um modo geral, constatou-se que os estudantes demonstraram maior interesse em temas como “Brainstorming e criação de ideias de negócio” e “Definição e desenvolvimento da ideia de negócio”, não tendo havido distinção dentro dos diferentes grupos. A literatura é concordante com os resultados obtidos no presente estudo, na medida que percebemos que o curso de empreendedorismo devia seguir seis tópicos ou conjunto de habilidades para que seja possível criar um negócio: 1) identificar uma oportunidade de negócio, 2) definir a ideia que melhor se adapta à oportunidade de negócio, 3) identificar recursos, 4) adquirir recursos, 5) iniciar o negócio e 6) gerir o negócio (Mendenhall et al., 2006). Os conteúdos que os estudantes acharam de maior interesse são, pois, os principais para a criação do negócio, de acordo com o sugerido pela literatura. O estudo da formação em empreendedorismo é, contudo, ainda algo escasso, com falta de uniformização dos conteúdos e abordagens entre cursos (Falkäng & Alberti, 2000), apesar de tal parecer já ter evoluído nos últimos anos.

Os motivos que levaram uma percentagem considerável de estudantes, de raparigas e de rapazes, das diferentes idades e com formação inicial distinta, a considerar que a carga horária foi apenas parcialmente suficiente ou insuficiente foram, após análise, divididos em quatro categorias, para os que consideraram a carga horária parcialmente suficiente, e em três categorias, para os que consideraram a carga horária

como insuficiente. Foi possível perceber que os rapazes apresentaram maior número de motivos e mais diversificados quando comparados com as raparigas. Os estudantes de idade intermédia e mais velhos apresentaram os mesmos motivos para acharem que a carga horária foi parcialmente suficiente. Os estudantes com formação inicial em Desporto também apresentaram motivos mais diversificados quando comparados com os estudantes formados em áreas que não a de Desporto. O motivo mais enumerado pelos estudantes do sexo masculino, de idade intermédia e mais velhos e com formação em Desporto ou outra área foi o tempo limitado, tendo em conta os conteúdos. Tal remete-nos para a ideia de que o tempo disponibilizado para a lecionação da UC de Gestão de Projetos de Desporto foi pouco, tendo em conta a sua exigência. Os estudantes demonstraram opiniões como “deveria ter mais carga horária para consolidar processos e aplicar os mesmos durante o desenvolvimento da ideia e do circuito de negócio.”; “Muito concentrado, não dá para desenvolver a ideia tanto quando gostaríamos”; “Fica muito na imaginação”. Os motivos que levaram os estudantes a responder que acharam a carga horária insuficiente vão ao encontro dos motivos anteriores. Os estudantes do sexo masculino continuam a apresentar mais motivos e mais diversificados, em relação às estudantes femininas. Os motivos que levam os estudantes a acharem a carga horária insuficiente é dependente da idade, tendo os estudantes mais novo apresentado maior número de motivos do que os estudantes de idade intermédia e mais velhos. Vemos alguma semelhança entre os motivos apresentados pelos estudantes com formação em Desporto e com formação em outra área. O motivo que mais foi enumerado pelos estudantes do sexo masculino, mais novos e com formação inicial tanto em Desporto como em outra área, foi o mesmo que enumerado por aqueles que responderam que a carga horária era apenas parcialmente suficiente, ou seja, os estudantes também consideraram o tempo insuficiente, dizendo “era necessário mais tempo, para delinear tudo com o grupo, pois depois disso temos outra carga horária de mais uma unidade curricular.”; “A unidade curricular tem uma carga horária reduzida tendo em conta os conteúdos que se perde abordar e por esse motivo fica tudo um pouco no ‘ar’.”; “Insuficiente para foco no projeto.”. Segundo a literatura, são vários os motivos que acabam por ter influência na percepção dos estudantes acerca da suficiência, ou não, da carga horária. Kember et al. (1996) realizaram um estudo que tinha como principal objetivo perceber a inter-relação

entre as abordagens de aprendizagem, motivação de estudo, horas de estudo, carga de trabalho percebida, habilidade em inglês e média de notas, constatando que os alunos se sentem, ou não, pressionados pela quantidade de trabalho que fazem, dependendo do interesse que têm no trabalho, da natureza do mesmo e da forma como estudam, bem como do seu número. A percepção da carga de trabalho de cada indivíduo depende das características e abordagens de aprendizagem, das variáveis contextuais, do nível individual e do curso, como da relevância e do volume do conteúdo abordado e a capacidade motivacional do professor. Nesta linha, surgem também os resultados de um estudo realizado por Kyndt et al. (2010), que perceberam que a carga horária e a complexidade da tarefa são fatores desencorajadores ou encorajadores para induzir uma abordagem profunda da aprendizagem. Neste estudo concluíram também que a falta de informação tem mais influência na aprendizagem do aluno, independentemente da carga de trabalho induzida e da complexidade da tarefa. Vemos assim que a carga horária pode ser suficiente para uns e não ser para outros, tendo em conta que cada estudante é único e tem o seu próprio ritmo de aprendizagem.

A maioria dos estudantes independentemente do sexo, da idade e da formação inicial considera que há uma adequação dos conteúdos lecionados durante a UC de Gestão de Projetos de Desporto, ao nível de 2º ciclo de ensino. O que nos leva ao encontro dos resultados que obtivemos acima, que nos dizem que a UC de Gestão de Projetos de Desporto, na sua globalidade, cumpriu com as expectativas iniciais dos estudantes, conseguindo mantê-los interessados ao longo do ano letivo. Os motivos que levaram uma pequena percentagem de estudantes do sexo masculino, dos estudantes mais novos e mais velhos e com formação inicial fora da área do Desporto a responderem que os conteúdos não estavam adequados relacionam-se com a dispersão de temas e com o facto de os temas não estarem relacionados com os projetos. Estes motivos vão ao encontro do problema de divisão da UC de Gestão de Projetos de Desporto em dois momentos durante o ano letivo, um momento em que seriam apresentados exemplos de empresas reais aos estudantes, mas que na opinião dos mesmos, ficou muito aquém das expectativas, e um outro momento que é dedicado à criação de um projeto e que acaba por não ter ligação com a outra parte da UC, manifestando opiniões como “Dispersos em função da subdivisão”; “Os temas não foram sobre projetos.”. Os estudantes foram ainda convidados a deixar uma sugestão

de temas a abordar, mas um número elevado de estudantes do sexo masculino, de idade intermédia e formados em área do Desporto deixou a resposta em branco, optando por não responder. Desconhecemos, contudo, o que motivou esta ausência de resposta. As respostas obtidas foram analisadas e divididas por três categorias. Os estudantes do sexo feminino, comparando com os do sexo masculino, e os estudantes mais velhos, comparando com os mais novos e de idade intermédia deram um maior número de sugestões. Nos estudantes com formação inicial em Desporto comparando com os estudantes com formação noutra área não sobressai diferença no número e diversidade de sugestões de temas a abordar. O tema que todos estudantes mais enumeraram, com exceção dos estudantes de idade intermédia, foi a Gestão Financeira, um tema curioso, visto que no Mestrado de Gestão de Desporto já existe uma UC de Gestão de Financeira, que é lecionada antes. Os cursos de empreendedorismo carecem de rigor, conteúdo, pedagogia, medição e uma definição estabelecida, sendo por isso importante reformular a educação para o empreendedorismo. A. Gedeon (2014), desenvolveu um estudo em que propôs a criação de um novo programa de MBA, defendendo que “os professores de empreendedorismo devem inspirar e motivar seus alunos para estimular o crescimento pessoal transformador, os resultados de aprendizagem desejados e a mudança de atitudes e valores.” FAYOLLE (2008) defende que o empreendedorismo pode ser ensinado, mas que existe uma vasta gama de métodos, abordagens e modalidades pedagógicas. Os estudantes da UC de Gestão de Projetos de Desporto sentiram essa falta de rigor e conteúdo durante a leção da mesma, e se por um lado há autores que defendem que o empreendedorismo deve ser ensinado baseando-se na prática (Boldureanu et al., 2020; Malach & Malach, 2014), por outro lado temos autores que demonstram que a teoria é fundamental para o ensino do empreendedorismo, como FIET (2000), que defende o desenvolvimento de uma teoria mais refinada e cumulativa e ensiná-la aos alunos de uma forma que “enfatize o aprender fazendo”.

A alteração da atitude empreendedora dos estudantes a nível global não foi distinta entre rapazes e raparigas, entre as diferentes idades e com formação inicial distintas. A literatura mostra que a educação empreendedora dos estudantes tem um efeito positivo significativo sobre a intensão empreendedora, mas não tem um efeito claro sobre a atitude empreendedora (Liu et al., 2019), o que é concordante com os

resultados obtidos no presente estudo. Os estudantes do sexo masculino e os estudantes do sexo feminino não demonstraram ter havido nenhuma alteração significativa na sua atitude empreendedora após a lecionação da UC de Gestão de Projetos. Apesar de a literatura mostrar que as alterações na atitude empreendedora não são significativas de um modo geral, num estudo realizado por Harris e Gibson (2008), verificou-se que os alunos que frequentaram a formação em empreendedorismo tiveram uma melhoria na sua atitude empreendedora e, ao comparar rapazes com raparigas, nas últimas verificou-se que as suas atitudes eram mais propensas a serem fortalecidas. Na idade, mantem-se o padrão e não houve diferenças na atitude empreendedora entre os estudantes mais novos, de idade intermédia e os estudantes mais velhos; A literatura é contrária aos resultados obtidos na medida em que considera que a atitude empreendedora é influenciada pela idade, tendo tendencialmente os estudantes mais velhos uma melhor atitude empreendedora (Tamizharasi & Panchanatham, 2010). Na maioria das categorias, os estudantes com formação inicial em Desporto e os estudantes com formação inicial noutras áreas não mostrou alterações significativas na atitude empreendedora. Contudo, a categoria da qualidade e eficiência e da persistência merece alguma relevância, pois é aqui onde os estudantes com formação inicial em Desporto demonstraram diferenças significativas, comparativamente com os estudantes com formação inicial em outra área. Na literatura vemos que os estudantes que durante a sua formação não tiveram praticamente, ou mesmo nenhum, contacto com o empreendedorismo, havendo um efeito positivo e uma melhoria da atitude empreendedora, enquanto os estudantes que já tinham sido expostos de forma significativa ao empreendedorismo tiveram efeitos contrários (Fayolle & Gailly, 2015). Tal vai ao encontro dos resultados obtidos no presente estudo, visto que foi nos estudantes com formação inicial em Desporto onde se verificou uma maior mudança na atitude empreendedora nas duas categorias acima mencionadas.

A maioria dos estudantes independentemente do sexo, da idade e da formação inicial, não tinha uma empresa própria quando iniciou a UC de Gestão de Projetos de Desporto, mas também não criou uma empresa no final da mesma. Contudo, a maioria dos estudantes considera que após a UC de Gestão de Projetos de Desporto tem mais conhecimentos e capacidades para conseguir criar uma empresa no futuro. Podemos ver que a UC teve um efeito positivo na melhoria da capacidade empreendedora dos

estudantes, mas apenas a nível teórico. Se pensarmos na prática, podem ser várias as condicionantes que levam a maioria dos estudantes a não ter ainda uma empresa própria. A literatura diz-nos que os rapazes são mais empreendedores do que as raparigas e que as mulheres possuem menos negócios do que os homens, dado que são menos propensas a iniciar negócios por falta de otimismo e autoconfiança, e por terem maior medo do fracasso (Koellinger et al., 2007). Thébaud (2010), confirma que existe essa desvantagem de género e que esta está relacionada com as desvantagens estruturais da mulher na aquisição de recursos relevantes para o empreendedorismo, ou seja, ser rapaz ou rapariga influencia o processo pelo qual os mesmos identificam as oportunidades de negócio. Contudo, pela análise às respostas aos questionários, não podemos dizer que existem diferenças entre os sexos, o que acaba por ser um resultado diferente do espectável e potencialmente relacionado com a área específica do desporto. Um resultado curioso do presente estudo é que houve mais raparigas a criar uma empresa após o término da UC do que rapazes, ainda que o resultado não seja propriamente exuberante. A literatura pode explicar os resultados na medida em que há estudos que mostram que as mulheres podem ter mais tendência a criar o seu próprio negócio quando comparadas com os homens, mas que isto está dependente de características pessoais das mesmas. Minniti e Nardone (2007), realizaram um estudo com o qual pretendiam estudar o papel do género no empreendedorismo. Partiram da hipótese de que as mulheres são menos propensas a envolver-se no empreendedorismo e chegaram à conclusão de que se as mulheres sentirem que têm habilidades e conhecimentos suficientes estão mais propensas a iniciar os seus próprios negócios. Koellinger et al. (2007) também demonstraram que as mulheres que são mais autoconfiantes e menos desanimadas pelo fracasso tendem a ter maior probabilidade de iniciar um negócio, comparativamente com homens com as mesmas características. Se olharmos para a idade, e apesar da maioria dos estudantes não possuir empresa, podemos constatar que quanto mais velho o grupo etário, maior a probabilidade de já ter empresa. A literatura mostra que não existem diferenças na idade no que diz respeito à capacidade e motivação para iniciar um negócio. Segundo Lorrain e Raymond (2013), os jovens empreendedores são uma importante parcela no que diz respeito à população de empresários e, no seu estudo, tanto os mais velhos como os mais novos tiveram a mesma motivação, experiência de crescimento e enfrentaram os mesmos

problemas no início de um negócio, tendo os jovens demonstrado que também são capazes. Contudo e segundo Lévesque e Minniti (2011), à medida que a riqueza e/ou a experiência aumentam, os indivíduos têm mais poder a nível financeiro e lideram os seus potenciais novos negócios. Portanto, tendo em conta as idades, a probabilidade de um indivíduo ser um empreendedor aumenta até um limiar crítico, para além do qual começa a diminuir. Tal vai ao encontro dos resultados encontrados, pois os estudantes que já possuem negócio encontram-se na faixa etária ideal para a criação do mesmo e têm algum poder económico, quando comparado com os mais novos, que se encontraram numa faixa etária muito próxima do término da licenciatura. Como vimos, os estudantes dos vários grupos consideram que estão mais capazes para criar uma empresa no futuro. Isto pode ser explicado pelo facto de, durante a lecionação da UC de Gestão de Projetos de Desporto, ter sido proposto aos estudantes a criação de uma ideia de negócio, um método de ensino experimental que, segundo Malach e Malach (2014), deve ser utilizado nos cursos de empreendedorismo, na medida em que transmite conhecimento teórico, mas também aprendizagem através de participação ativa, permitindo aos estudantes experimentar o mundo real no processo empreendedor. Os autores defendem que este método de trabalhar através do processo empreendedor exige aos estudantes confiarem nos seus conhecimentos de criação de um negócio, assumindo o papel de empreendedor. É importante salientar que os motivos que justificam o facto de os estudantes não se sentirem capazes de criar uma empresa no futuro foram agrupados em duas categorias principais. Todos os estudantes, com exceção dos estudantes com idade intermédia consideram que os conteúdos foram pouco aprofundados, manifestando opiniões como “Penso que a criação de uma empresa envolve muito mais conhecimento do que aquilo que foi lecionado na unidade curricular. Na unidade curricular aprendemos como chegar a uma ideia de negócio que possa ser sustentável, mas daí a aplicar na prática vai um grande caminho a percorrer”; “Penso que a criação de uma empresa envolve muito mais conhecimento do que aquilo que foi lecionado na unidade curricular. Na unidade curricular aprendemos como chegar a uma ideia de negócio que possa ser sustentável, mas daí a aplicar na prática vai um grande caminho a percorrer”; “O que sei sobre empreendedorismo e projetos, aprendi na graduação.”, ou então devido a razões pessoais, escrevendo “Não é a minha ambição”. A distribuição das respostas foi muito semelhante entre os grupos. Os

estudantes referiram que os conteúdos foram pouco aprofundados e não conseguem trazer para a prática o que aprenderam. Isto demonstra que dentro da mesma turma existem estudantes com níveis de aprendizagem distintos e se para alguns o facto de terem criado a própria empresa durante a UC foi um fator positivo, para os ajudar futuramente a terem capacidade para formar a sua própria empresa, para outros os conteúdos não foram suficiente e houve poucos exemplos práticos reais, o que vai ao encontro de Boldureanu et al. (2020) quando dizem que durante a educação para o empreendedorismo a exposição a modelos empresariais de sucesso é importante para estimular a confiança dos alunos na sua capacidade para iniciar um negócio e melhorar as suas atitudes em relação ao empreendedorismo.

A maioria dos estudantes que frequentaram a UC de Gestão de Projetos de Desporto trabalhava por conta própria ou por conta de outrem, sendo importante destacar que dentro destes a grande maioria trabalhava por conta de outrem. Apesar da maioria dos estudantes não ter tido a possibilidade de aplicar os conhecimentos e capacidades adquiridas na empresa em que trabalham, há uma percentagem, que não deve ser desconsiderada, que respondeu que conseguiu efetivamente aplicar os conhecimentos. Pela análise dos resultados vê-se que os rapazes tiveram maior facilidade em aplicar os conhecimentos adquiridos quando comparados com as raparigas. Na atualidade, os homens ainda ocupam cargos superiores nas empresas em relação às mulheres, tendo por isso uma voz mais ativa do que estas. A literatura também valida estes resultados, mostrando que apesar das tentativas de integrar a mulher no mundo do empreendedorismo, esta transformação ainda está longe de terminar e as mulheres têm sentido dificuldade não só em iniciar a sua empresa, mas também durante a fase de administração da mesma, muito devido a obstáculos socioeconómicos encontrados, (Garg & Agarwal, 2017). Neste seguimento, se recordarmos novamente Brandão et al. (2019), apesar de ambos terem a mesma formação empreendedora, eles parecem ser mais eficazes na aplicação dos conhecimentos do que elas e, talvez por isso, seja necessário adotar estratégias de formação distintas, para que as mulheres consigam aplicar mais eficazmente os conhecimentos. Um resultado curioso mostra que os mais novos ou de idade intermédia tiveram mais possibilidade de aplicar os conhecimentos e capacidades adquiridas quando comparados com os mais velhos. Este resultado segue a literatura, na medida

em que, recordando Gonçalves e Pifano (2015), existem fatores que são mais favoráveis ao comportamento empreendedor dos jovens e outros dos seniores. Os jovens têm uma maior capacidade de iniciativa e inovação (fatores de personalidade), motivações pessoais (desejo de independência e de realização pessoal) e fatores interpessoais (influência familiar), enquanto os mais velhos são influenciados por fatores de situação de vida (falta de alternativas de trabalho em situação de desemprego, nível de experiência, nível de riqueza) e motivações pessoais (desejo de ultrapassar a falta de oportunidades de trabalho, desejo de melhoria de rendimento). Neste seguimento, percebe-se que os jovens têm mais tendência para ser proativos, trazendo ideias novas para as empresas. Os estudantes de Desporto também tiveram mais possibilidade de demonstrar as capacidades e conhecimentos adquiridos em relação aos estudantes de outra área de formação. Pensando que os estudantes com formação inicial em Desporto trabalham na sua área de formação, os que estão empregados na área do Desporto, quer seja no processo pedagógico na escola, como professores de educação de física, na criação do próprio negócio, como as academias de ginástica ou ligados a serviços públicos, acabam por ter mais autonomia na prestação do seu trabalho em comparação com estudantes que trabalham na área da engenharia, direito ou outras, pois requer que os trabalhadores estejam em constante inovação e sejam proativos. Nesta linha, Ratten (2010) afirmou que o Desporto é um processo empreendedor, tendo como principais características a inovação e mudança. Os estudantes que aplicaram os conhecimentos e capacidades na empresa em que trabalham tiveram um maior crescimento, quer a nível pessoal, quer a nível profissional. As características em que os estudantes consideram que a UC os ajudou a melhorar e, consequentemente, a pôr em prática na empresa foram agrupados em três categorias. Os estudantes masculinos, os mais novos e mais velhos e com formação inicial na área do Desporto ou com formação fora da área do Desporto enumeram mais motivos e mais diversificados do que os restantes. As estudantes, só sentiram melhorias no crescimento e autoconfiança, “Ajudaram-me a crescer dentro da empresa e a ganhar mais autoconfiança em mim”, e os estudantes de idade intermédia focaram as suas respostas na inovação e organização. O motivo mais enumerado foi a melhoria na inovação e organização, com os estudantes a mostrarem opiniões como, “Inovar na forma como planeamos as atividades, procurando sempre a viabilidade da mesma principalmente a nível financeiro.”;

“Organização dos processos e efetividade”; “Na medida em que me ajudou a ser um gestor mais atento ao que se passa ao redor da empresa e a planejar melhor o futuro da mesma.”; “Resolução de problemas, estabelecimento de objetivos e inovação.”. O mundo do empreendedorismo tem como principais focos a inovação e organização, na medida em que, para uma empresa conseguir destacar-se, tem de estar em constante inovação e tem de ter uma estrutura bem organizada, caso contrário será mais uma empresa no meio de tantas que já existem. A literatura é concordante com estes resultados, com Petkovska (2015) a confirmar que as teorias modernas de crescimento reconhecem o papel da inovação como a base para aumentar o crescimento e a produtividade, sendo através da inovação que o empreendedor consegue criar produtos e melhorar os que já existem, de forma haver criação de riqueza. Noutras palavras, o empreendedorismo é o motor das atividades inovadoras. Os estudantes do sexo masculino e feminino, com idade intermédia e com formação inicial na área do Desporto ou em outra área de formação foram os que mais motivos enumeraram para justificarem o facto de não terem aplicados os conhecimentos na empresa onde trabalhavam. O motivo mais enumerado e que está presente em todos os grupos foi a já existência de uma estrutura hierarquizada, o que demonstra que nas suas empresas é bastante difícil conseguir ter uma voz ativa e ver uma opinião reconhecida. Os estudantes manifestaram a sua opinião dizendo “não posso demonstrar as minhas capacidades, porque não é possível”; “A minha função não permite a aplicação dos conhecimentos adquiridos.”; “Estrutura hierarquizada e com muitos anos de funcionamento”; “Não necessitam minha opinião”; “Não permitem eu trabalhar, pois assim o coordenador será demitido”. Os estudantes, na sua grande maioria, consideraram que a formação em empreendedorismo é fundamental para a criação ou inovação de negócio. Cada vez mais se percebe que é importante o desenvolvimento das capacidades de empreendedorismo durante a formação académica do estudante, pois só assim ele terá capacidades e conhecimentos que lhe permitam integrar uma empresa já existente, mostrando-se proativo e trazendo ideias novas que possam ajudar a melhorar a empresa ou então até mesmo criar a sua própria empresa e tornar-se num jovem empreendedor. A literatura vem ao encontro dos resultados encontrados. Henry et al. (2016), que pretendiam investigar em que medida a formação em empreendedorismo é importante para a criação de novos negócios, chegaram à

conclusão que a formação em empreendedorismo leva a que os alunos adquiram conhecimentos e habilidades para a criação e gestão de uma empresa, tenham contacto com pessoas com um vasto currículo na área, e tenham a oportunidade de testar a viabilidade das suas ideias de negócio. Rodrigues et al. (2010) concordam com a teoria, concluindo no seu estudo que a educação para o empreendedorismo é importante, assim como a promoção da intenção empreendedora. Ou seja, a intenção empreendedora foi significativamente predita pela educação para o empreendedorismo. Contudo, ainda no mesmo estudo, os autores afirmam que as características pessoais têm também um papel importante na formação da motivação para iniciar um negócio. Os estudantes demonstraram motivos diversificados para a importância da formação em empreendedorismo no processo de criação e inovação de um negócio, os quais foram agrupados em categorias. A categoria que merece mais realce estando presente em todos os grupos estudados é a aquisição de conhecimentos e capacidades, com os estudantes da manifestarem opiniões como, “sim, pois ajuda a integrar a inovação à mentalidade de negócio, a alinhar a inovação com a estratégia de negócio da empresa e ainda à criatividade e captação de valor.”; “Certamente que sim. Para conseguir criar uma empresa é importante perceber quais os negócios em que faz sentido investir, fazer uma pesquisa de mercado, perceber a viabilidade que a ideia tem, e de que forma podemos tornar o negócio em algo diferente daquilo que já existe. Contudo, na realidade vemos alguma dificuldade em aplicar o que é aprendido na teoria para a prática, pois nem sempre é como nos transmitem. Parte depois da proatividade e capacidade de cada um se ‘mexer’ para conseguir que aquilo em que acredita dê certo.”; “Sim, para quem não é naturalmente empreendedor dá-nos um empurrão no bom sentido para essa área, ajuda-nos a ter consciência relativamente aos negócios e como nos orientarmo-nos quando surge uma ideia de um.”; “Sim. Para abrir portas neste ramo e ensinar uma pessoa a saber o que fazer para começar.”; “A formação em empreendedorismo dá-nos ferramentas que nos ajudam a ter outro tipo de capacidade para olhar o negócio e desenvolve-lo de uma forma muito mais capaz e lúcida. Consequentemente pode levar a que esse mesmo negócio seja mais funcional e sólido.”; “Sim. Acredito que todos os cidadãos devem ter conhecimento em empreendedorismo não só para a finalidade em criar ou inovar um negócio, mas para a vida. Em relação a pergunta, conhecimentos em empreendedorismo nos dá a capacidade de pensar em

alternativas assertivas para solucionar os problemas das pessoas e, conseqüentemente, ser bem remunerado por isso.”; “Sim. Acho que é por demais evidente a necessidade de formação e de saber o que se está a fazer para conseguirmos ter bases sustentadas sobre o que temos de fazer e que passos temos de seguir para atingirmos e sermos capazes de inovarmos e empreendermos.”; “Sim. Todo conhecimento é de suma importância para empreender e até mesmo manter um negócio.”; “Sim. É algo que nem toda a gente tem, mas que se trabalha. A cadeira ajuda a isso, mas seria importante haver mais algumas em que trabalhássemos no nosso projeto final, assim aperfeiçoávamos ainda mais o mesmo.”; “Sim é importante, mas a forma como se dá essa cadeira é horrível na medida em que não incentiva os alunos a criar a empresa é a ensinar princípios básicos.”; “Claro que sim porque não basta ter uma ideia, se ela não sair do papel. Há uma série de fatores que são necessário equacionar para o desenvolvimento sustentável do projeto e sua implementação.”; “É sempre importante, na medida em que nos capacita e nos ensina a trabalhar com ferramentas que melhoram não só os nossos *skills*, como dão resposta sequencial aos mínimos olímpicos para podermos ousar ser, de forma competente e independentemente do resultado final, empreendedores.”; “Ainda que não obrigatório, deverá dar a conhecer, erros comuns, que podem ser evitados.”; “Sim. É uma base para auxiliar o desenvolvimento.”. A área da formação em empreendedorismo é ainda muito escassa no que à literatura diz respeito, não havendo ainda um consenso de entre a comunidade científica se a formação em empreendedorismo é fundamental. Henry et al. (2005a) concluíram que apesar da formação para o empreendedorismo estar a crescer, ainda há pouca uniformidade no que ao ensino desta área diz respeito. Segundo os autores, para que os programas de empreendedorismo sejam eficazes, a aprendizagem deve ter por base situações do mundo real. Ainda Henry et al. (2005b), na segunda parte do artigo que publicaram defendem que existem efetivamente alguns elementos associados ao empreendedorismo que podem ser ensinados. Para os autores é fundamental que os formadores da área definam bem os objetivos que desejam alcançar com o programa, pois só assim terão sucesso na lecionação do mesmo.

Os resultados mostraram que a alteração de algumas estratégias de formação poderá aumentar o nível de satisfação global com a formação em empreendedorismo, potenciar a mudança na atitude empreendedora e gerar mais negócio e inovação, com

consequências sobre a crença na importância da formação em empreendedorismo. Os rapazes parecem necessitar que a UC de Gestão de Projetos de Desporto seja lecionada em regime presencial, visto que a leção em regime online trouxe para os mesmos um entrave à aprendizagem e dinâmica da mesma. Necessitam que sejam destinadas mais horas para a sua leção e que haja um maior aprofundamento dos conteúdos, principalmente em temas como a “dinâmica de tomada de decisão, logística e respetivos impactos”, assim como para eles é necessário que haja uma maior aproximação à realidade das empresas. As raparigas sentem que há uma maior necessidade de introdução de outros temas ao longo da UC, como, por exemplo, temas relacionados com a área financeira. Elas também precisam que sejam dados mais exemplos práticos ao longo da UC. Tanto os rapazes como as raparigas precisam que haja um maior aprofundamento dos conteúdos, uma abordagem mais teórica dos conceitos da UC e de tornar o concurso da *Junior Achievement Portugal* obrigatório. Os estudantes mais novos precisam de uma mudança de estratégia no que toca à leção da UC em regime online, sentindo que aprendiam mais se tivesse sido em regime presencial. Os mesmos dizem que tem de haver um maior aprofundamento dos conteúdos, com introdução de novos temas ligados à área financeira e que haja uma ligação entre os conteúdos aprendidos e a sua aplicabilidade à realidade. O concurso da *Junior Achievement Portugal* para estes estudantes tem de ser de carácter obrigatório. Os de idade intermédia necessitam também que a UC seja lecionada em regime presencial, pois para eles é importante a discussão e troca de ideias com os colegas quer do grupo, quer da turma. Os conteúdos abordados têm de ser mais aprofundados, e o concurso da *Junior Achievement Portugal* tem de ser obrigatório. Os mais velhos necessitam que haja uma maior carga horária destinada à UC de Gestão de Projetos de Desporto, com vista à introdução de conteúdos de carácter mais teórico, de forma a poder haver um maior aprofundamento dos conteúdos que ficaram um pouco limitados. Os estudantes, independentemente da idade, acham necessário que os conteúdos sejam revistos de forma a haver uma melhor adequação dos mesmos ao ciclo de ensino, a introdução de novos temas na área financeira e, no seguimento, que seja disponibilizado mais tempo para abordagem dos mesmos. Considerando a formação inicial, quem tem formação inicial em desporto necessita que a UC de Gestão de Desporto seja lecionada em regime presencial, pois sente a necessidade de trocar ideias e impressões com os colegas. Estes

estudantes sentem que precisam de obter mais informação na área financeira, sugerindo a sua abordagem na UC. Quem não a tem necessita de um maior aprofundamento dos conteúdos e, para isso tem de haver uma extensão da carga horária destinada à UC. Para além disso, para estes estudantes torna-se importante que haja um maior transpore do que é aprendido para a realidade. Ambos os grupos sentiram que os conteúdos estavam desadequados ao que se pretendia com a UC e o tempo foi curto para os conteúdos que eram propostos a estudar, assim como acham que seria importante ter mais conceitos teóricos.

Genericamente falando, ou seja, olhando globalmente para a disciplina e considerando todas as necessidades diagnosticadas, pode dizer-se que o programa da UC de Gestão de Projetos de Desporto necessita de ser revisto e reformulado, na medida que os conteúdos que são abordados ao longo da UC são, para alguns alunos, pouco aprofundados e não estão adequados aos objetivos que foram definidos inicialmente. Há a necessidade de programar uma parte inicial mais direcionada para conceitos teóricos e apresentação de exemplos práticos reais, visto que muitos alunos não tiveram contacto prévio com os temas relacionados com o empreendedorismo. Após esta introdução teórica ao tema do empreendedorismo, aí sim propor a criação de um projeto, com a obrigatoriedade de participação no concurso da *Junior Achievement Portugal*, de forma a tornar esta aprendizagem o mais próximo possível da realidade. A manifestação da insuficiência da carga horária poderá estar relacionada com o volume de trabalho a desenvolver fora da sala de aula ou com a necessidade de ser autónomo no aprofundamento dos conteúdos para execução das tarefas propostas. As 40h da UC são lecionadas de forma concentrada, pelo que uma carga horária mais distribuída poderia resolver parte desta situação. Estando a UC de Gestão de Projetos de Desporto inserida no Mestrado de Gestão Desportiva é importante que haja a comunicação entre as várias UC que compõem o curso, na perspetiva uniformizar a aprendizagem dos conteúdos comuns às mesmas.

6. Conclusão

O presente estudo teve como objetivo discriminar o efeito da formação em empreendedorismo de estudantes de Desporto com base no sexo, idade e formação inicial, no sentido de perceber se será necessário adotar estratégias de formação distintas. Confirmou-se que efeito da formação de estudantes de desporto em empreendedorismo é diferente para sujeitos de sexo, idade e formação inicial distintos, no que diz respeito à forma como os conteúdos são abordados, ao tempo destinado para a lecionação da UC e o transfere que a mesma tem para a realidade. Os resultados evidenciaram ser necessário adotar algumas estratégias de formação distintas. Os estudantes do sexo masculino, os mais novos e de idade intermédia e os estudantes com formação inicial noutra área, demonstraram a necessidade de haver um maior aprofundamento dos conteúdos abordados, com uma maior aplicabilidade dos mesmo à realidade e uma melhor distribuição da carga horária. Os estudantes do sexo feminino, os mais novos e mais velhos e com formação inicial em Desporto, sentem a necessidade de a UC de Gestão de Projetos abordar outros temas, como a Gestão financeira. Desta forma os objetivos da UC necessitarão de ser melhor explicados, nomeadamente as valências da participação no concurso da *Junior Achievement Portugal*, a necessidade de uma abordagem mais detalhada dos conteúdos a aplicar e o estabelecimento de relação mais clara com os conteúdos de outras UC.

7. Bibliografia

- A. Gedeon, S. (2014). Application of best practices in university entrepreneurship education. *European Journal of Training and Development*, 38(3), 231-253.
- Araújo, M. H., Lago, R. M., Oliveira, L. C. A., Cabral, P. R. M., Cheng, L. C., & Fillion, L. J. (2005). O estímulo ao empreendedorismo nos cursos de química: Formando químicos empreendedores.
- Azoulay, P., Jones, B. F., Kim, J. D., & Miranda, J. (2020). Age and High-Growth Entrepreneurship. *American Economic Review: Insights*, 2(1), 65-82.
- Boldureanu, G., Ionescu, A. M., Bercu, A.-M., Bedrule-Grigoruță, M. V., & Boldureanu, D. (2020). Entrepreneurship Education through Successful Entrepreneurial Models in Higher Education Institutions. *Sustainability*, 12(3).
- Bönte, W., Falck, O., & Heblich, S. (2009). The Impact of Regional Age Structure on Entrepreneurship.
- Brandão, A. M., Marques, A. P., & Lamela, R. (2019). Género, empreendedorismo e autonomização profissional.
- Chaves, R. R., & Parente, C. (2011). O empreendedorismo na escola e o paradigma das competências. O caso da Junior Achievement — Portugal.
- Dornelas, J. (2003). *Como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas*. Rio de Janeiro
- Dutra, I., & Peixoto, R. B. (2001). O ensino de empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior da região de Londrina.
- Falkäng, J., & Alberti, F. (2000). The assessment of entrepreneurship education.
- FAYOLLE, A. (2008). Entrepreneurship education at a crossroads: Towards a more mature teaching field.
- Fayolle, A., & Gailly, B. (2015). The Impact of Entrepreneurship Education on Entrepreneurial Attitudes and Intention: Hysteresis and Persistence *Journal of Small Business Management*, 53(1), 75-93.
- FIET, J. O. (2000). The theoretical side of teaching entrepreneurship
- Garg, S., & Agarwal, D. P. (2017). Problems and Prospects of Woman Entrepreneurship – A Review of Literature. *IOSR Journal of Business and Management*, 19(01), 55-60.

- Gonçalves, V., & Pifano, M. (2015). Idade e empreendedorismo: Uma revisão da literatura.
- Harris, M. L., & Gibson, S. (2008). Examining the entrepreneurial attitudes of business students: The impact of participation in the small business institute.
- Henry, C., Hill, F., & Leitch, C. (2005a). Entrepreneurship education and training: can entrepreneurship be taught? Part I. *Education + Training*, 47(2), 98-111.
- Henry, C., Hill, F., & Leitch, C. (2005b). Entrepreneurship education and training: can entrepreneurship be taught? Part II. *Education + Training*, 47(3), 158-169.
- Henry, C., Hill, F. M., & Leitch, C. M. (2016). The Effectiveness of Training for New Business Creation. *International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship*, 22(3), 249-271.
- Holienka, M., Holienková, J., & Gál, P. (2016). Entrepreneurial Characteristics of Students in Different Fields of Study: a View from Entrepreneurship Education Perspective. *Acta Universitatis Agriculturae et Silviculturae Mendelianae Brunensis*, 63(6), 1879-1889.
- Jones, P., Harry Matlay, P., & Jones, A. (2014). Attitudes of Sports Development and Sports Management undergraduate students towards entrepreneurship. *Education + Training*, 56(8/9), 716-732.
- Júnior, J. B. C., Araújo, P. d. C., Wolf, S. M., & Ribeiro, T. V. A. (2006). Empreendedorismo e educação empreendedora: Confrontação entre a teoria e prática.
- Keat, O. Y., Selvarajah, C., & Meyer, D. (2011). Inclination towards entrepreneurship among university students: An empirical study of Malaysian university students.
- Kember, D., Ng, S., Tse, H., Wong, E. T. T., & Pomfret, M. (1996). An examination of the interrelationships between workload, study time, learning approaches and academic outcomes. *Studies in Higher Education*, 21(3), 347-358.
- Koellinger, P., Minniti, M., & Schade, C. (2007). Seeing the World with Different Eyes: Gender Differences in Perceptions and the Propensity to start a Business.
- Koellinger, P., Minniti, M., & Schade, C. (2013). Gender Differences in Entrepreneurial Propensity*. *Oxford Bulletin of Economics and Statistics*, 75(2), 213-234.
- Kyndt, E., Dochy, F., Struyven, K., & Cascallar, E. (2010). The perception of workload and task complexity and its influence on students' approaches to learning: a study in higher education. *European Journal of Psychology of Education*, 26(3), 393-415.

- Lévesque, M., & Minniti, M. (2006). The effect of aging on entrepreneurial behavior. *Journal of Business Venturing*, 21(2), 177-194.
- Lévesque, M., & Minniti, M. (2011). Age matters: how demographics influence aggregate entrepreneurship. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 5(3), 269-284.
- Liu, X., Lin, C., Zhao, G., & Zhao, D. (2019). Research on the Effects of Entrepreneurial Education and Entrepreneurial Self-Efficacy on College Students' Entrepreneurial Intention. *Front Psychol*, 10, 869.
- Lobato, P. L., & Carmo, D. D. d. (2009). Estudo do potencial empreendedor dos acadêmicos do 7º período do curso de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa.
- Lopes, A. R. P. S. (2013). *Literacia Empreendedora: impacto da implementação de um programa de empreendedorismo na escola*. Universidade Católica Portuguesa. Relatório de Estágio apresentado a
- Lorrain, J., & Raymond, L. (2013). Young and Older Entrepreneurs: An Empirical Study of Difference. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, 8(4), 51-61.
- Malach, S. E., & Malach, R. L. (2014). Start Your Own Business Assignment in the Context of Experiential Entrepreneurship Education.
- Margaca, C., Hernandez-Sanchez, B., Sanchez-Garcia, J. C., & Cardella, G. M. (2020). The Roles of Psychological Capital and Gender in University Students' Entrepreneurial Intentions. *Front Psychol*, 11, 615910.
- Marques, A. P. (2011). Género e potencial empreendedor: Na encruzilhada da (in) dependência profissional. In M. C. Silva, M. L. Lima, J. M. Sobral, H. Araújo & F. B. Ribeiro (Eds.), *Desigualdades e Políticas de Género* (pp. 107-128). Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.Nova_UMinho), Universidade do Minho. Braga: Humus.
- Mendenhall, A., Buhanan, C. W., Suhaka, M., Mills, G., Gibson, G. V., & Merrill, M. D. (2006). A task-centered approach to entrepreneurship.
- Minniti, M. (2009). Gender Issues in Entrepreneurship.
- Minniti, M., & Nardone, C. (2007). Being in Someone Else's Shoes: the Role of Gender in Nascent Entrepreneurship. *Small Business Economics*, 28(2-3), 223-238.
- Monteiro, M. M. L., Silva, G. B. d., Sousa, F. R. L. d., & Melo, C. X. d. (2020). Intenção empreendedora e formação académica: um estudo com académicos de

- administração em uma instituição pública. *Research, Society and Development*, 9(1).
- Moreira, R. V. (2014). *O impacto da educação em empreendedorismo sobre intenção e comportamento empreendedor. Aveiro: Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro.*
- Naia, A. M. P. (2009). *Importância da Formação Inicial no Empreendedorismo: estudo do percurso empreendedor de licenciados da FMH. Lisboa: Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.*
- Nascimento, D. A. (2009). *Formação, Profissão e Empreendedorismo: três Estudos de Caso com Professores de Educação Física do Ensino Universitário. Braga. Dissertação de Douturamento apresentada a Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.*
- Neto, J. C. d. S., & Ceroni, M. R. (2020). A prática e a formação do educador para o empreendedorismo / Educator's practice and training for entrepreneurship. *Brazilian Journal of Business*, 2(4), 3986-4003.
- Parreira, P., Paiva, T., Mónico, L., Alves, L., & Sampaio, J. H. (2018). *As Instituições de Ensino Superior Politécnico e a Educação para o Empreendedorismo: Instituto Politécnico da Guarda.*
- Penna Dias, G. (2011). Empreendedorismo e educação física: Reflexões à sua apreensão/ implementação na formação humana. *Motrivivência*, 0(35).
- Petkovska, T. (2015). The role and importance of innovation in business of small and medium enterprises.
- Pimpão, A. B. D. (2011). *A formação superior em empreendedorismo em portugal: mapeamento e análise comparativa. Lisboa: Dissertação de Mestrado apresentada a Instituto Universitário de Lisboa. .*
- Ratten, V. (2010). Sport-based entrepreneurship: towards a new theory of entrepreneurship and sport management. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(1), 57-69.
- Ratten, V., & Jones, P. (2018). Future research directions for sport education: toward an entrepreneurial learning approach. *Education + Training*, 60(5), 490-499.

- Rocha, E. L. d. C., & Freitas, A. A. F. (2014). Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(4), 465-486.
- Rodrigues, R. G., Raposo, M., Ferreira, J., & Paço, A. d. (2010). Entrepreneurship education and the propensity for business creation: testing a structural model.
- Rodriguez-Gutierrez, P., Cabeza-Ramirez, L. J., & Munoz-Fernandez, G. A. (2020). University Students' Behaviour towards Entrepreneurial Intention in Ecuador: Testing for the Influence of Gender. *Int J Environ Res Public Health*, 17(22).
- SACRE, M. B., ZAPPE, S., SHARTRAND, A., & HOCHSTEDT, K. (2016). Faculty and Student Perceptions of the Content of Entrepreneurship Courses in Engineering Education.
- Santos, S. C., Caetano, A., & Curral, L. (2010). Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo Como identificar o potencial empreendedor?
- Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research, *Academy of Management Review*, 25, 217-226.
- Silva, J. F. d., & Patrus, R. (2017). O “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo: Uma Revisão da Literatura Sobre os Métodos e Práticas da Educação Empreendedora. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(2), 372-401.
- Sirelkhatim, F., Gangi, Y., & Nisar, T. (2015). Entrepreneurship education: A systematic literature review of curricula contents and teaching methods. *Cogent Business & Management*, 2(1).
- Sobral, R. C., & Vazquez, C. A. (2019). Empreendedorismo e estratégia entre a universidade e empresários: Alianças com os saberes locais. *Revista americana de empreendedorismo e inovação*, 1(1). *Revista Americana de Empreendedorismo e Inovação*.
- Tamizharasi, G., & Panchanatham, D. N. (2010). An Empirical Study of Demographic Variables on Entrepreneurial Attitudes.
- Thébaud, S. (2010). Gender and Entrepreneurship as a Career Choice. *Social Psychology Quarterly*, 73(3), 288-304.
- Valente, F., & Costa, T. (2018). *Políticas e programas de empreendedorismo no Ensino Superior em Portugal. As Instituições de Ensino Superior Politécnico e a Educação*

para o Empreendedorismo, 15. Capítulo 2. Empreendedorismo: das políticas às práticas (pp. 15).

Weber, M. (1979). *Ensaio de Sociologia: Gerth Mills*.

Younger, M., & Warrington, M. (2006). Differential Achievement of Girls and Boys at GCSE: some observations from the perspective of one school. *British Journal of Sociology of Education, 17*(3), 299-313.

9. Anexos

Anexo 1. Questionário sobre o efeito da unidade curricular de Gestão de Projetos de Desporto.

Efeito da unidade curricular de gestão de projetos na atitude empreendedora dos estudantes universitários de desporto, tendo em conta a sua formação inicial, sexo e idade

Este questionário destina-se à realização de um estudo de investigação no âmbito do Mestrado em Gestão Desportiva, pretendendo-se determinar o efeito da unidade curricular de gestão de projetos na atitude empreendedora dos estudantes universitários de desporto, tendo em conta a sua formação inicial, sexo e idade.

É assegurada total confidencialidade e anonimato, sendo os seus dados pessoais e todas as respostas dadas guardadas num arquivo, em local seguro, apenas acessível pelos investigadores.

Capítulo I

Caracterização

1. 1-Idade

2. 2-Sexo

Marcar apenas uma oval.

☐ Masculino

☐ Feminino

3-Formação de base

3. 3.1-Licenciatura em...

4. 3.2-Pós-graduação em...

5. 3.3-Mestrado em...

6. 4-Qual a ligação ao Desporto? (assinale todas as opções que se lhe apliquem)

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Gestor
- ☐ Empresário
- ☐ Professor
- ☐ Treinador de desporto
- ☐ Técnico de exercício físico
- ☐ Diretor técnico
- ☐ Atleta federado
- ☐ Ex-atleta federado
- ☐ Praticante não federado
- ☐ Nenhuma
- ☐ Outra: _____

7. 5-Primeiro contacto com o tema do empreendedorismo

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Pré-primária
- ☐ Ensino Básico
- ☐ Ensino Secundário
- ☐ Ensino Superior
- ☐ Formação Profissional (ações de formação, workshops, outros)
- ☐ Concursos
- ☐ Jornais e revistas
- ☐ Outra: _____

8. 5.1-Se respondeu Ensino Básico

Marcar apenas uma oval.

☐ 1º ciclo

☐ 2º ciclo

☐ 3º ciclo

9. 5.2-Se respondeu Ensino Superior

Marcar apenas uma oval.

☐ Instituto Politécnico

☐ Universidade

Capítulo II

Perceção sobre a valia da Unidade Curricular Gestão de Projetos

10. 1-A unidade curricular correspondeu às suas expectativas?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Em parte, sim

☐ Não

11. 1.1-Se respondeu em parte sim, qual a razão?

12. 1.2-Se respondeu não, qual a razão?

13. 2-Vê aplicabilidade dos conteúdos abordados na unidade curricular?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

14. 2.1-Se respondeu sim, onde vê essa aplicabilidade?

Marcar tudo o que for aplicável.

☐ Na criação de empresa

☐ Na inovação da empresa

☐ No desempenho profissional atual

☐ Outra: _____

15. 3-Que conteúdos da unidade curricular lhe suscitaram mais interesse?

Marcar tudo o que for aplicável.

☐ Jogos de introdução ao empreendedorismo

☐ Brainstorming e criação de ideias de negócio

☐ Definição e desenvolvimento da ideia de negócio

☐ Definição do circuito de negócio

☐ Outra: _____

16. 3.1-Participou no concurso da JAP?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

17. 4-O interesse nos conteúdos da unidade curricular:

Marcar apenas uma oval.

☐ Foi diminuindo

☐ Manteve-se constante

☐ Foi aumentando

☐ Nunca tive interesse

18. 5-A carga horária da unidade curricular é suficiente para despontar no estudante uma atitude empreendedora?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez

19. 5.1-Se não, quais as razões?

20. 5.2-Se talvez, quais as razões?

21. 6-Os conteúdos abordados são adequados ao nível de segundo ciclo?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

22. 6.1-Se não, quais as razões?

23. 7-Que outros conteúdos deveriam ser abordados?

Capítulo III

Alteração da atitude empreendedora

1-Para determinar o quanto a UC alterou a sua atitude empreendedora, preencha o quadro seguinte. Tente caracterizar a sua atitude ANTES da sua lecionação.

1- Insuficiente / 2-Suficiente / 3-Bom / 4-Muito Bom /

5-Excelente

24. 1.1-Poder de Iniciativa

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Sou proativo	☐	☐	☐	☐	☐
Procuro por novas oportunidades	☐	☐	☐	☐	☐
Procuro a constante melhoria dos projetos onde me insiro	☐	☐	☐	☐	☐
Exploro as oportunidades	☐	☐	☐	☐	☐

25. 1.2-Qualidade e eficiência

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Procuro prestar o melhor serviço	☐	☐	☐	☐	☐
Procuro sempre uma solução	☐	☐	☐	☐	☐
Procuro formação atualizada	☐	☐	☐	☐	☐
Tomo boas decisões	☐	☐	☐	☐	☐

26. 1.3-Comprometimento

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Sacrifico-me em função dos objetivos de um projeto	☐	☐	☐	☐	☐
Mantenho o foco do início ao fim de um projeto	☐	☐	☐	☐	☐

27. 1.4-Autoconfiança e criatividade

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Acredito em mim e nas minhas capacidades	☐	☐	☐	☐	☐
Dou sempre a minha opinião	☐	☐	☐	☐	☐
Procuro trazer ideias inovadoras	☐	☐	☐	☐	☐
Assumo riscos e desafios	☐	☐	☐	☐	☐

28. 1.5-Persistência

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Ultrapasso obstáculos	☐	☐	☐	☐	☐
Encontro soluções/resolvo problemas	☐	☐	☐	☐	☐
Não desisto das minhas convicções	☐	☐	☐	☐	☐

29. 1.6-Objetivos definidos

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Estabeleço metas	☐	☐	☐	☐	☐
Cumpro as metas estabelecidas	☐	☐	☐	☐	☐
Revejo as metas sempre que necessário	☐	☐	☐	☐	☐

2-Para determinar o quanto a UC alterou a sua atitude empreendedora, preencha o quadro seguinte. Tente caracterizar a sua atitude DEPOIS da sua leçãoção.

1- Insuficiente / 2-Suficiente / 3-Bom / 4-Muito Bom /

5-Excelente

30. 2.1-Poder de Iniciativa

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Sou proativo	☐	☐	☐	☐	☐
Procuro por novas oportunidades	☐	☐	☐	☐	☐
Procuro a constante melhoria dos projetos onde me insiro	☐	☐	☐	☐	☐
Exploro as oportunidades	☐	☐	☐	☐	☐

31. 2.2-Qualidade e eficiência

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Procuro prestar o melhor serviço	☐	☐	☐	☐	☐
Procuro sempre uma solução	☐	☐	☐	☐	☐
Procuro formação atualizada	☐	☐	☐	☐	☐
Tomo boas decisões	☐	☐	☐	☐	☐

32. 2.3-Comprometimento

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Sacrifico-me em função dos objetivos de um projeto	☐	☐	☐	☐	☐
Mantenho o foco do início ao fim de um projeto	☐	☐	☐	☐	☐

33. 2.4-Autoconfiança e criatividade

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Acredito em mim e nas minhas capacidades	☐	☐	☐	☐	☐
Dou sempre a minha opinião	☐	☐	☐	☐	☐
Procuro trazer ideias inovadoras	☐	☐	☐	☐	☐
Assumo riscos e desafios	☐	☐	☐	☐	☐

34. 2.5-Persistência

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Ultrapasso obstáculos	☐	☐	☐	☐	☐
Encontro soluções/resolvo problemas	☐	☐	☐	☐	☐
Não desisto das minhas convicções	☐	☐	☐	☐	☐

35. 2.6-Objetivos definidos

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
Estabeleço metas	☐	☐	☐	☐	☐
Cumpro as metas estabelecidas	☐	☐	☐	☐	☐
Revejo as metas sempre que necessário	☐	☐	☐	☐	☐

Capítulo IV

Criação de empresa

36. 1-Antes de frequentar a unidade curricular já tinha alguma empresa?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

37. 1.1-Se respondeu sim, em que área?

Marcar apenas uma oval.

☐ Desporto

☐ Outra: _____

38. 2-Os conhecimentos adquiridos na unidade curricular levaram a criação de alguma startup?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

39. 2.1-Se respondeu sim, em que área?

Marcar apenas uma oval.

☐ Desporto

☐ Outra: _____

40. 3-Com os conhecimentos que já adquiriu na área do empreendedorismo, acha-se mais capaz de criar uma empresa no futuro?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

41. 3.1-Se não, quais as razões?

42. 1-Qual a situação profissional atual?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Desempregado
- ☐ Estudante não trabalhador
- ☐ Trabalhador por conta própria
- ☐ Trabalhador por conta de outrem
- ☐ Outra: _____

Se está empregado responda às perguntas 2 e 3 e respectivas alíneas.
Se não está avance para o capítulo VI.

43. 2-Aplicou os conhecimentos e capacidades adquiridas com a UC na empresa onde trabalha?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

44. 2.1-Se sim, em que medida estes conhecimentos foram um agente facilitador?

45. 2.2-Se não, quais as dificuldades encontradas?

46. 3-Os conhecimentos adquiridos na unidade curricular levaram à inovação na sua empresa?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

47. 3.1-Se sim, em que medida estes conhecimentos foram um agente facilitador?

48. 3.2-Se não, quais as dificuldades encontradas?

49. 1-Na sua opinião, a formação em empreendedorismo é fundamental para a criação ou inovação de negócio? Explique o porquê da sua resposta.

Muito obrigada pela sua participação!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários